UERN
49 Anos

Revista Edição Especial 49ª Assembleia Universitária | Set 2017

AVANÇO 7
Rede Giga Mossoró irá impulsionar pesquisas e novos projetos

MARCO 28
Há 30 anos a UERN conquistava a estadualização

PERFIL 46
ID-UERN: 89% dos estudantes da Instituição são da rede pública

UERN
49 Anos

Este material impresso foi desenvolvido pela Agência de Comunicação da UERN

Expediente

Direção
Bruno Barreto

Edição: Iuska Freire
Assistente de edição: João Moura

Textos
Adriana Morais, Aline Linhares, Bruno Barreto, Ilana Albuquerque, Iuska Freire, João Moura Luziária Machado

Colaboração: Aécio Cândido

Ilustrações
Isadora Paiva, Pablo Allende

Projeto Gráfico / Direção de Arte
Pablo Allende

Diagramação
Isadora Paiva, Pablo Allende

Fotos
Fernando Nícolas, Rodrigo Oliveira, Luciano Léllys, Priscila Kruger, Gui Gomes e Acervo Histórico da UERN

Revisão
Francilene Gama

Apoio
Argolante Lopes, Claudenice Santos

Campus de Natal
Foto: Priscila Kruger

EDITORIAL

Em 2018 a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte completa seu primeiro cinquentenário. Aos 49 anos de história, permeada por conquistas, desafios, lutas e ensinamentos, a UERN fortalece sua missão de formar profissionais e contribuir com o desenvolvimento do RN, sobretudo no interior do estado.

Nas páginas seguintes, destacamos histórias de vida, superação por meio dos estudos, a chegada de novos servidores e projetos que visam o fortalecimento do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. A matéria de capa, sobre o 'Nome Social', ressalta o respeito à diversidade, estabelecendo um avanço na política de inclusão.

Outra novidade desta edição é o formato da entrevista com o reitor Pedro Fernandes. Neste ano contamos com a interação de jornalistas do estado.Temos ainda a colaboração do professor aposentado Aécio Cândido, que escreve o artigo "Uma pequena cerimônia de adeus", uma reflexão sobre vida e morte. Texto tocante diante das perdas que comoveram a comunidade acadêmica neste ano de 2017.

SUMÁRIO

6

Giga Mossoró: Rede irá impulsionar pesquisas e viabilizar novos projetos

12

Serviço Multiprofissional: organizando a vida estudantil

16

Parfor contribui para avanço da rede básica

36

Nome social: afirmação da identidade

22 O direito à liberdade religiosa

28 Há 30 anos a UERN se tornava estadual

46 89% dos estudantes da UERN são de escola pública

52 Chegada de novos servidores possibilita inovações e melhorias

70

Por onde for, espalhe beleza

60 Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

74 Campus de Natal chega aos 15 anos e planeja o futuro

76 Diálogo das Letras estimula produção científica

82 Extensão universitária: o conhecimento em prol da comunidade

86 A Universidade que transforma realidades no interior do RN

90 Aldo Gondim: três décadas de amor à UERN

94

Uma pequena cerimônia de adeus

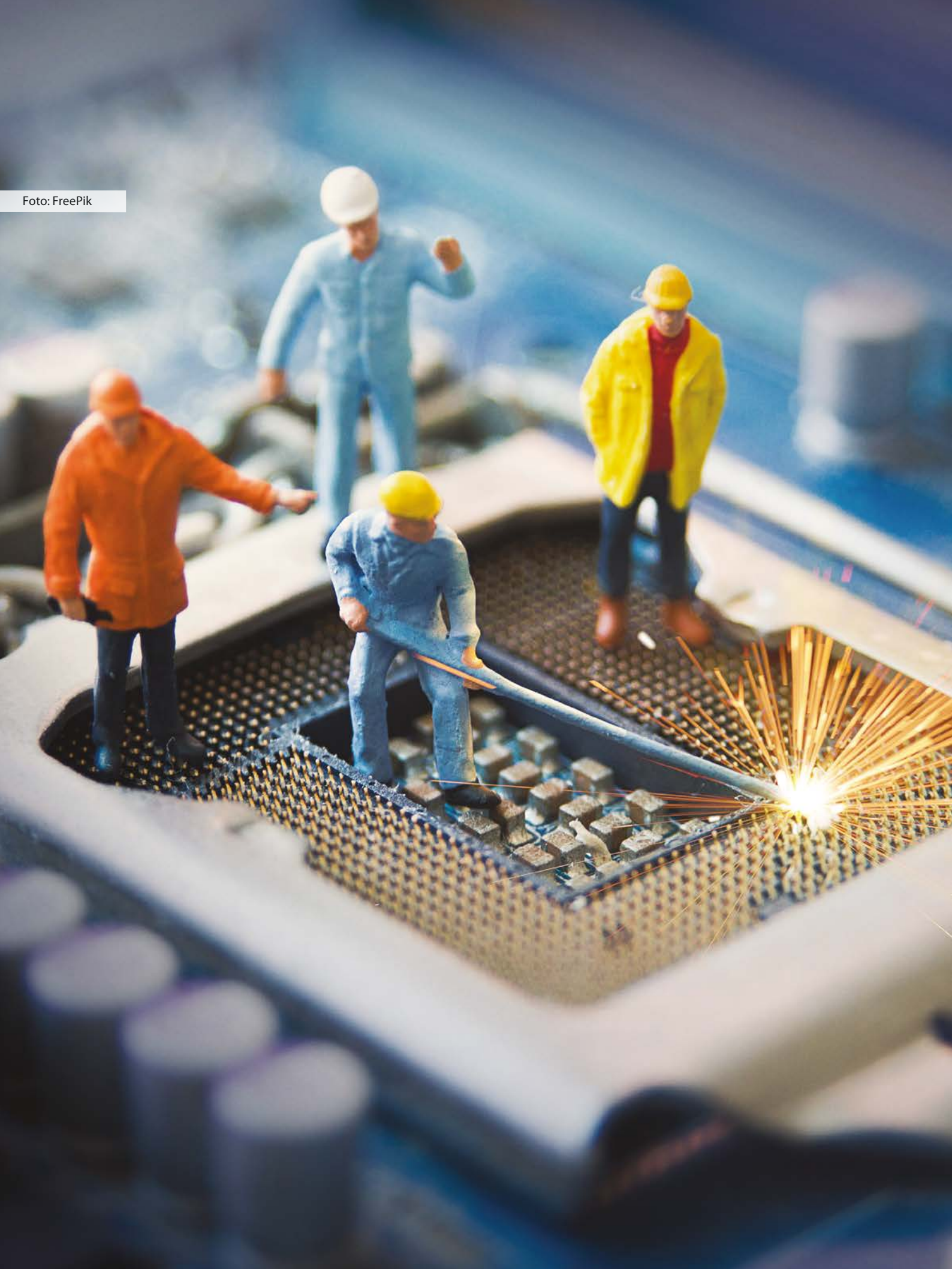


Foto: FreePik

GIGA MOSSORÓ IRÁ IMPULSIONAR PESQUISAS E VIABILIZAR NOVOS PROJETOS

Prevista para o primeiro semestre de 2018, a rede de fibra óptica irá ampliar em pelo menos dez vezes a velocidade de conexão da UERN

Imagine aumentar em dez vezes a capacidade de sua conexão à internet, podendo enviar e receber conteúdo a uma velocidade maior, entrar em contato mais facilmente com outras pessoas e utilizar recursos que tornam mais eficientes suas atividades diárias. Se o impacto dessa mudança parece significativo para um único indivíduo, os efeitos para instituições de ensino com milhares de alunos chegam a ser difíceis de mensurar.

Longe de ser uma projeção para um futuro distante, essa transformação deve ocorrer no primeiro semestre de 2018, quando entrará em funcionamento a Rede Giga Mossoró, a qual irá interligar a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFE RSA), o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Rede Nacional de Pesquisa (RNP).

Constituída por 25 quilômetros de fibra óptica e por 20 canais ópticos distribuídos pelo município, a nova estrutura irá permitir uma maior velocidade de conexão e promover uma ligação direta entre as instituições de ensino e a RNP, o que tornará mais rápidas e seguras as atividades relacionadas à pesquisa.

Além do Campus Central da UERN, a rede passará por outras unidades acadêmicas localizadas no município, a exemplo da Reitoria, a Faculdade de Enfermagem (FAEN) e a Faculdade de Ciências da Saúde (FACS). Com a mudança, cada uma dessas unidades contará com a mesma rede, aprimorando a integração dos sistemas informatizados.

Um dos impactos diretos será o aumento da velocidade de conexão. Hoje de 100 megabits por segundo (Mbps), a velocidade da rede utilizada pela UERN aumentará em pelo menos dez vezes, atingindo 1 Gigabit por segundo (Gbps). Esse número, entretanto, pode alcançar até 100 Gbps, conforme sejam apresentados projetos que demandem maior capacidade da rede.

De acordo com o coordenador da Giga Mossoró, André Pedro Fernandes Neto, a instalação da rede

André Pedro Fernandes Neto, coordenador do Giga Mossoró. Fotos: Fernando Nícolas

também possibilitará a execução de diversos projetos ligados ao conceito de cidade inteligente, através do qual componentes de infraestrutura e serviços de determinada região utilizam a tecnologia da informação para tornar os centros urbanos mais eficientes e agradáveis para a população.

Esses projetos, indica, poderão ser apresentados por entidades diversas - de secretarias de governo a provedores privados de internet - que se proponham a oferecer serviços à população utilizando a nova estrutura. Como contrapartida, ressalta, os parceiros participarão financeiramente da manutenção da rede.

Conforme André Pedro, que também é diretor de Informatização da UERN e professor da UFERSA, as iniciativas que farão uso da rede podem ser de áreas diversas, como saúde, educação e segurança. Para ilustrar o potencial da mudança, o professor cita o exemplo de uma cirurgia realizada em um hospital de Mossoró sendo

Lançamento e apresentação do projeto para o público, em agosto deste ano

acompanhada, em tempo real e em alta qualidade, por um médico que estivesse em outra unidade de saúde. "Essas possibilidades vão depender dos projetos que vão ser apresentados, mas o importante é que a estrutura vai estar pronta", ressalta.

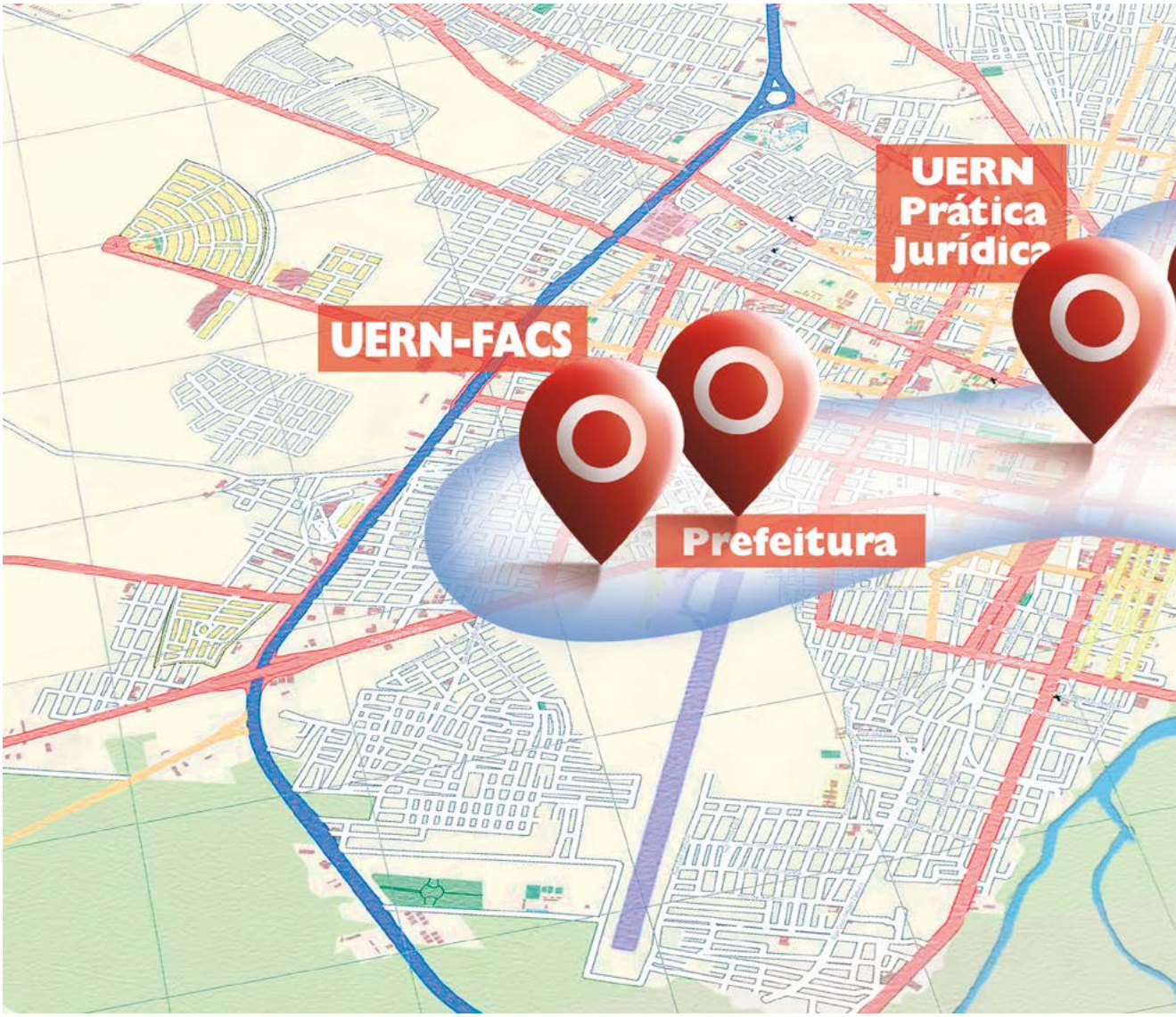
Entre as áreas que podem ser diretamente beneficiadas, acrescenta o coordenador, está o trânsito de Mossoró, que pode contar, por exemplo, com semáforos inteligentes, os quais analisam e controlam o tráfego, ou com câmeras de monitoramento que contribuam para a elaboração de projetos de infraestrutura.

PARCERIAS

Um dos parceiros que a rede deverá ter logo após entrar em funcionamento será a Prefeitura de Mossoró, que prevê a elaboração de iniciativas ligadas a áreas como mobilidade e segurança. "Essa vai ser a via de acesso para uma série de projetos e para mais agilidade nos serviços", destaca a prefeita do município, Rosalba Ciarlini.

Entre as possibilidades, exemplifica, está a adoção de um sistema que integre as escolas municipais e permita maior controle sobre a gestão de itens como materiais didáticos e merenda escolar. Um sistema semelhante, acrescenta, pode ser utilizado em unidades de saúde para a gestão de equipamentos e medicamentos.

Conforme Rosalba, a Prefeitura já possui uma parceria com universidades localizadas no município para acompanhar o trânsito em tempo real e planejar ações de mobilidade. Com a Giga Mossoró, destaca, esse trabalho pode ser aprofundado e permitir a adoção de novas iniciativas. Para a prefeita, outra vantagem da rede é o fato de ela ser mantida por instituições de ensino superior, as quais, além de oferecer a estrutura, também podem contribuir para os projetos com o conhecimento e experiência de técnicos e docentes.



A rede terá 25 quilômetros de extensão e alcançará várias unidades da UERN

MENOS CUSTOS

Além do impacto direto na área de pesquisa, a nova rede resultará em uma economia de custos para as instituições de ensino, aponta Sérgio Fialho, coordenador da Giga Natal - estrutura semelhante à Giga Mossoró, que funciona na região metropolitana de Natal. “Os custos vão ser rateados pelas instituições. A experiência em Natal mostrou que é possível gastar um décimo do que se gastaria com um provedor comercial de internet, com um serviço dez vezes superior”, ilustra.

A redução nos custos se dá também no próprio modelo de instalação e manutenção da rede. “Nós vimos que conectar o Brasil só com recurso federal ou só municipal, por exemplo, é muito mais caro e difícil. Nós entendemos que, empreendendo

juntos, conseguimos atingir os municípios mais rapidamente e a um custo muito inferior", salienta a gerente de relacionamento institucional da RNP, Cristiane Medeiros. Vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, a RNP está conectada a 37 redes semelhantes no País e investirá cerca de R$ 1,4 milhão na instalação da Giga Mossoró.

Para o estudante Philipe Cavalcante, outro ganho das universidades será contar com uma estrutura que também pode servir para o ensino em cursos ligados à tecnologia da informação. Aluno do quinto período de Ciência da Computação da UERN, Philipe participou do desenvolvimento da rede e teve a oportunidade de levar à prática o conhecimento adquirido na sala de aula. Agora, a expectativa do estudante é participar da instalação da estrutura e acompanhar os projetos que serão desenvolvidos.

Sousa Neto, estudante de física.
Fotos: Fernando Nícolas

SERVIÇO MULTIPROFISSIONAL: ORGANIZANDO A **VIDA ESTUDANTIL**

Diretoria de Assistência Estudantil da UERN oferece atendimentos psicológicos a alunos

Nos dias atuais, o excesso de informações e de uso de redes sociais tem trazido prejuízos para o cotidiano e também para as relações interpessoais. Isso inclusive é visto na vida dos universitários, jovens ou adultos, que estão em dificuldade para organizar o tempo e as atividades. Esse é um dos alertas que a psicóloga clínica da Diretoria de Assistência Estudantil da Pró-reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis (DAE/PRORHAE/UERN), Leni Andrade, apresenta depois de sete anos dedicando-se ao trabalho de assistência estudantil. Desde março a diretoria ampliou a equipe e os serviços de assistência.

A DAE montou uma equipe de trabalho multiprofissional que oferece atendimentos psicológico e de serviço social, e agora conta com uma equipe composta por assistente social, psicólogas clínico e educacional, e psicopedagoga, para oferecer um atendimento mais amplo aos estudantes.

Sousa Neto, de 23 anos, aluno do curso de Física, descobriu os serviços da DAE através de divulgação da diretoria. Ele procurou atendimento porque sentia que não estava planejando bem os estudos e a vida pessoal. “Tudo estava muito corrido, não tinha bom planejamento nos estudos. Fui recebido de braços abertos por todos. Vim inicialmente para a psicóloga educacional e acabei encontrando os outros atendimentos e fiquei um semestre completo”, relata.

Sousa diz que um dos maiores benefícios que vivencia hoje é a otimização do tempo, principalmente nos estudos e no descanso. O rendimento nas notas o impressionou. Gostou tanto dos resultados que quer manter a rotina de atendimentos neste novo semestre. O aluno ainda ressalta que em casa os familiares perceberam a diferença de comportamento. “Meu irmão diz que eu estou menos estressado. E tô mesmo! Durmo

mais, descanso e entrei no ritmo dos estudos. Eu já falei até para os meus colegas de curso e recomendo muito os serviços", enfatiza.

O trabalho é operacionalizado através de um modelo interdisciplinar, juntamente com profissionais técnicos de áreas distintas, na busca de atendimento integralizado, respeitando as normativas do código de ética do assistente social.

O atendimento na DAE funciona da seguinte maneira: o aluno passa pelo atendimento social com Leila Menezes, assistente social, e ela encaminha, de acordo com a necessidade do aluno, para o profissional mais adequado relacionado à demanda que está surgindo. O atendimento é personalizado. Geralmente o encaminhamento é na primeira escuta.

A atuação do serviço social na DAE está em sintonia com a da Política Nacional de Assistência Estudantil, na tentativa de contribuir para a permanência do aluno na universidade durante todo o curso.

ANSIEDADE

Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgadas em fevereiro de 2017, 9,3% dos brasileiros têm algum transtorno de ansiedade. O Brasil é o país com a maior taxa de pessoas com transtornos de ansiedade no mundo. Esse é um dos males que acometem os alunos que procuram os serviços da Diretoria de Assistência Estudantil. Entre os sintomas de ansiedade, os mais comuns são dor no peito, fadiga, tontura, dor de cabeça, dor nas costas, falta de ar, insônia, dor abdominal, inchaço e torpor.

Leni Andrade, psicóloga clínica da DAE, comenta que, às vezes, o aluno não reconhece os sintomas como consequências da ansiedade, e busca curas para os problemas avulsos. Ainda há problemas como a falta de concentração constante, insônia frequente e alterações bruscas no humor e na alimentação.

"Com isso as relações sociais também vão sendo alteradas. A ansiedade vai trazendo prejuízos e perturbações. Isso deve ser tratado com psicoterapia e, muitas vezes, também com medicamentos, dependendo do tipo de ansiedade que o indivíduo apresente", informa.

Leni Andrade, psicóloga clínica da DAE

PSICOPEDAGOGIA

A desmotivação para realizar trabalhos e a dificuldade em resolver algo simples ou mais complexo são fatores que passam pela assistência em psicopedagogia. Essa área da psicologia entra em cena para estudar os processos de aprendizagem, identificar as dificuldades e os transtornos que interferem na assimilação do conteúdo, fazendo uso de conhecimentos da psicologia e da antropologia para analisar o comportamento do aluno.

Na DAE a profissional Gregória Queiroz, psicopedagoga, diz que os alunos muitas vezes apresentam problemas ou dificuldades de uma vida escolar in-

teira, o que acaba refletindo no curso universitário. “Quando detectamos o problema ou os problemas do aluno nós vamos trabalhar em conjunto para sanar ou minimizar essas dificuldades que ele está apresentando. O atendimento é individual e depende muito de cada demanda. Às vezes o aluno apresenta um problema que necessita de mais atendimentos e outros procedimentos como testes específicos da psicopedagogia e orientações mais apropriadas para o caso”, esclarece.

Segundo a psicopedagoga, o tempo para atendimentos varia e não é limitado. Alguns casos precisam de atendimentos mais longos, em cada ida do aluno ao DAE trabalha-se um ponto, uma questão. Outros casos precisam apenas de uma orientação. O importante é que o problema do aluno seja sanado.

Uma das solicitações da equipe multidisciplinar é que o aluno dê um retorno após os procedimentos vividos. A equipe procura saber como estão esses alunos e se as orientações surtiram efeito positivo na vida deles.

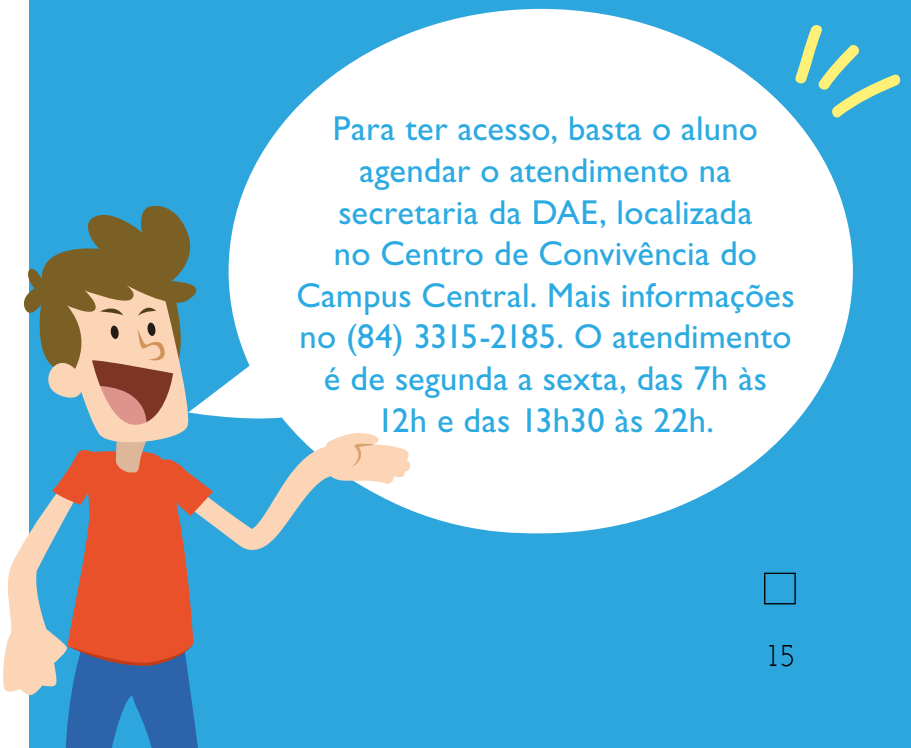
Gregória Queiroz, psicopedagoga

SERVIÇOS DA DAE

- Assistência psicológica aos discentes, auxiliando os mesmos a superar problemas que comprometam o bom desempenho acadêmico e social, por meio do acolhimento, escuta e orientações, sendo o(a) estudante encaminhado a outro serviço, também especializado, caso necessário;

- Participação na seleção de acadêmicos(as) para Residência Universitária (RU) e outras seleções;

- Atendimento a demandas da Diretoria de Assuntos Internacionais (DAINT) e da Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPEG) na realização de avaliações psicológicas aos alunos(as) participantes de Programas de Mobilidade Internacional.



Jackeline Varela, estudante de pedagogia. Fotos: Rodrigo Oliveira

PARFOR CONTRIBUI PARA **AVANÇO DA REDE BÁSICA**

Desde 2009, a UERN já possibilitou a licenciatura de mais de 500 profissionais através do Plano Nacional de Formação de Professores

Na sala de aula de uma das escolas do município de Ipanguaçu, distante 90 quilômetros de Mossoró, Jackeline Varela pergunta aos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental quais histórias eles costumam ouvir. "Chapeuzinho vermelho! Três porquinhos", exclamam as crianças, entre outros exemplos. Colados à parede da sala, diversos contos e fábulas ilustradas também servem de entretenimento e inspiração aos estudantes, que aprendem com personagens fictícios a lidar melhor com situações cotidianas.

Em meio às brincadeiras, lições e descobertas da infância, as crianças não desconfiam que no dia a dia dividem espaço com outros personagens - estes reais - que também carregam histórias de paixão, luta e superação. Enfrentando obstáculos que vão desde a escassez de tempo à dificuldade para se locomover até outra cidade, professores da rede básica de dezenas de cidades potiguares conciliam diariamente os desafios do magistério à busca pelo diploma da primeira ou segunda licenciatura, como forma de aprimorar a atuação profissional ou iniciar a carreira acadêmica.

O caminho encontrado por grande parte desses profissionais para conseguir a graduação foi o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), criado em 2009 através de parcerias entre Ministério da Educação, instituições de ensino superior e secretarias de Educação dos estados e municípios. Gerido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o programa fomenta a criação de vagas em cursos de licenciatura para professores em exercício na educação básica que não possuam formação na área que lecionam. No caso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 567 profissionais já foram formados através da iniciativa e outros 309 encontram-se matriculados.

Mais do que um documento que certifique a conclusão do ensino superior, o diploma é visto pelos professores participantes como a possibilidade de aliar a prática que já possuem a um

A diretora do Campus de Assú, Marlúcia Cabral, ao lado dos coordenadores Francisco Canindé e Leodécio Varela

conhecimento que enriqueça as experiências na sala de aula. "Eu entrei uma pessoa (no PARFOR) e vou sair outra. Não apenas aquela que tem um diploma, porque a universidade influencia desde o falar, o pensar, o agir e o refletir", afirma Jackeline, que está no último semestre do curso de Pedagogia em Assú - campus da UERN com o maior número de alunos do PARFOR.

Se ainda faltam alguns passos para terminar a graduação, sobra experiência à professora, que começou a lecionar aos 14 anos, em 2000. O ingresso precoce no magistério se deu sobretudo por influência de uma tia. "Quando ela ia dar aula, me levava também. Eu prestava atenção ao mínimos detalhes da aula. No jeito dela, no plano de aula", recorda Jackeline.

Quase duas décadas depois, a família continua tendo influência direta na profissão escolhida por Jackeline. Motorista do município de Ipanguaçu, o pai da professora é quem conduz o ônibus que leva ela e outros alunos da cidade até o campus de Assú às sextas-feiras, quando começam as aulas semanais do PARFOR. "Ele já levava as outras turmas passadas. Quando eu comecei (a ter aulas em Assú), aí foi que ele disse: 'Eu vou continuar, porque é uma forma de eu dar apoio à minha filha'", relata.

Outra fonte de motivação para a docente é a filha, de nove anos. "A partir do momento que olho pra minha filha e quero dizer a ela que ela vai fazer uma universidade, quero ter essa graduação pra poder dizer que, se a mãe dela pode, ela também pode conseguir", explica. O apoio por parte da família, ressalta, é fundamental para enfrentar as dificuldades relacionadas à graduação, que não são poucas.

Marlúcia Cabral, diretora do Campus de Assú

“Esse empoderamento dá uma força indescritível. E essa força dá uma esperança incontida, que fica internalizada na mente desses sujeitos”

“Não é tão romântico quanto a gente pensa”, afirma o coordenador local de Letras - Língua Espanhola em Assú, Leodécio Varela, referindo-se às adversidades que os alunos do programa têm de enfrentar para conquistar o diploma. Entre os entraves, aponta, estão a dificuldade de deslocamento até Assú, a falta de condições financeiras de parte dos estudantes e a necessidade de conciliar as aulas ao trabalho e às atividades domésticas.

Outro percalço que surge para parte dos discentes, acrescenta o coordenador local de Pedagogia em Assú, Canindé Silva, é o fato de muitas escolas não liberarem os professores nos dias destinados às aulas do PARFOR, obrigando-os a pagar outro profissional para substituí-los. A prática, salienta, vai contra as diretrizes do programa, já que os participantes devem ser liberados do trabalho para ir às aulas nas universidades.

Conforme Jackeline, a integração e a amizade entre os estudantes é a principal ferramenta para tentar contornar os obstáculos. “Nós somos uma turma. Às vezes, quando alguém precisa, a gente se junta e paga um almoço. Quando uma aluna está com dificuldade em casa ou perdeu algum trabalho, por exemplo, a gente tenta sempre ajudar, dialogar, não deixar a pessoa desistir. Porque algumas já pensaram em desistir por não ter mais condições”, ilustra.

EMPODERAMENTO E TRANSFORMAÇÃO

Apesar dos desafios, o índice de desistência dos alunos do PARFOR é consideravelmente baixo. Dos 81 alunos matriculados no curso de Pedagogia entre 2011 e 2014, exemplifica Canindé, 76 concluíram a graduação. “E, desse total (de graduados), 98% são mulheres. Isso significa uma emancipação social, inclusive por tudo aquilo que elas vivenciaram, desde os problemas familiares, de ter que largar a casa no fim de semana mesmo passando a semana trabalhando. É um empoderamento dessas pessoas. É muito gratificante ver essa transformação”, destaca.

Para a diretora do campus de Assú, Marlúcia Cabral, as mudanças pelas quais os alunos passam são o principal incentivo para que os professores e coordenadores se dediquem constantemente ao PARFOR. “Esse empoderamento dá uma força indescritível. E essa força dá uma esperança incontida, que fica internalizada na mente desses sujeitos. Quando a gente os vê em outros espaços, a gente cria uma energia muito forte e vê que não pode parar, que tem que continuar cada vez melhor”, enfatiza.

Assim como são evidentes os efeitos do curso superior na vida pessoal dos participantes, também podem ser claramente notados os impactos nas

salas de aula da rede básica de ensino, onde os professores atuam. Segundo Jackeline, as mudanças na forma de ensinar nas escolas acontecem paralelamente às aulas na universidade, antes mesmo do fim da graduação. Entre os aprendizados que mais lhe marcaram e aprimoraram seu trabalho, ela cita o maior preparo ao dar aula a crianças com necessidades especiais - atividade que já desempenhava, mas se sente mais qualificada para exercer após ingressar no curso de Pedagogia.

Conforme Canindé, outro indicativo das implicações do PARFOR nos últimos anos é o avanço do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em cidades cujos professores participaram do programa, nas quais os indicadores ligados à alfabetização, interpretação de texto e conhecimento matemático cresceram acima do esperado para o período. O coordenador destaca também o grau elevado de qualificação dos professores dos cursos de graduação como um dos motivos para o bom desempenho.

Entre as consequência do programa, destaca Marlúcia, também está o fato de muitos dos ex-alunos hoje atuarem fora das salas de aula, junto às secretarias de educação. Além disso, complementa, diversos estudantes das primeiras turmas do PARFOR em Assú deram continuidade à formação acadêmica, estando hoje matriculados em cursos de mestrado ou doutorado.

COMBATER O ANALFABETISMO É UMA DAS METAS

Os resultados positivos desde a implantação do PARFOR, aponta Marlúcia, fizeram com que a demanda dos municípios pelos quatro cursos hoje ofertados em Assú - Pedagogia, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Educação Física - já fosse atendida nas cidades participantes, o que levará o campus a oferecer novos cursos nos próximos anos, conforme a necessidade da rede básica de ensino.

De acordo com a coordenadora institucional do PARFOR na UERN, Helena Aguiar, uma das

Helena Aguiar, coordenadora institucional do PARFOR

principais metas no curto prazo é iniciar o curso de especialização em Alfabetização, como forma de reduzir os índices de analfabetismo no Rio Grande do Norte. "É um grande desafio do Estado. Nós temos mais de 400 mil pessoas que não sabem ler nem escrever. E ainda mais difícil de identificar são aqueles que só sabem praticamente escrever o próprio nome, mas não têm propriedade real sobre leitura e escrita. E isso dificulta o nosso avanço", salienta.
Conforme Helena, a universidade já possui a estrutura necessária para implantar a especialização, mas aguarda autorização da Capes, que analisa o projeto. "A UERN nem nenhuma outra instituição define quais cursos a gente vai abrir com o PARFOR, porque é a demanda dos estados que gera as turmas", explica.

A coordenadora ressalta que a universidade permanecerá em contato direto com a Capes, secretarias de ensino e outras instituições de ensino superior para garantir que as demandas sejam atendidas, buscando manter a qualidade e a atenção às necessida-

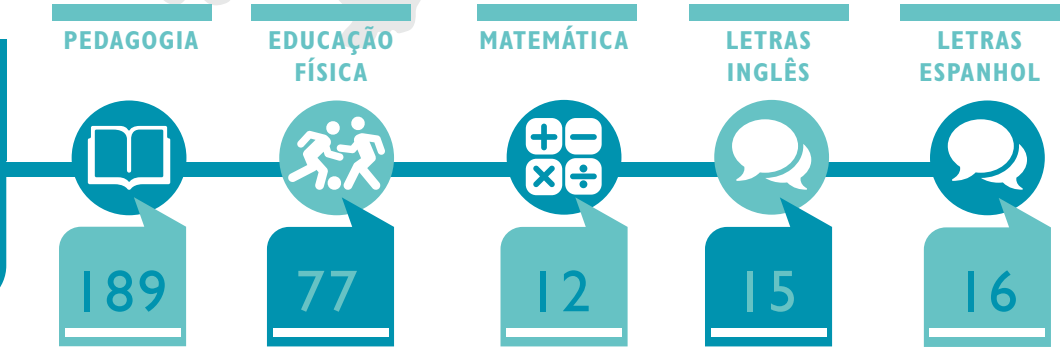
O campus de Assú recebe através do programa alunos de 19 municípios potiguares

A UERN é a Instituição de ensino superior com maior número de alunos do Parfor no Rio Grande do Norte

567 Professores formados

309 Estudantes matriculados

Distribuição de matriculados por curso nos Campi de Assú, Pau dos Ferros e Mossoró



des dos estudantes. "É aí onde está o grande encantamento e o grande desafio do PARFOR. É lidar com um currículo de excelência e com alunos com várias fragilidades", resume.

Para Jackeline, se depender dos estudantes, não faltará demanda para os cursos de graduação, especialização e mestrado que estão previstos.

"Já penso na especialização e no mestrado e não vou parar, porque, a cada dia que passa, as coisas mudam", destaca, acrescentando que pretende continuar na academia mesmo que os obstáculos permaneçam. "Eu digo que sou uma fênix, que renasce das cinzas. Quando eu vejo que posso dar uma vida melhor pra mim e pra minha família com minha formação, isso faz com que me levante, bata a poeira das pernas e continue", afirma a professora.

O DIREITO À **LIBERDADE RELIGIOSA**

Resolução que assegura flexibilização de horários para alunos sabatistas representa avanço no processo de inclusão na UERN

Quando ingressou no curso de Ciências Contábeis do Campus Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no semestre 2015.1, Jean José da Silva, que mora em Antônio Martins, estava ciente de que teria de enfrentar um grande desafio em sua vida acadêmica. E não era apenas a distância entre a sua residência e o campus, mas sim conciliar os preceitos de sua religião com as regras da universidade.

Membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Jean José da Silva considera o sábado como um dia santo, o qual deve ser guardado e respeitado. Assim sendo, ele (igualmente como pessoas de religiões que respeitam a guarda sabática) não faz nenhuma atividade no período do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado, isso inclui frequentar aulas ou exercer atividades acadêmicas exigidas pelas normas que regem as Instituições de Ensino Superior (IES).

Na época em que ingressou na faculdade, não havia nenhuma regulamentação na UERN relacionada à guarda sabática. E, por alguns semestres, Jean José vivenciou o dilema entre seguir as regras da universidade ou seguir as regras de sua fé. Para não ser reprovado por falta, muitas vezes ele ia às aulas às sextas-feiras, somente para contar a presença. "Ia com a bíblia e ficava no canto da sala, sem participar da aula, fazendo as minhas orações e atividades religiosas. Eu ia, mas com um peso na consciência, porque embora 'menos errado', eu sabia que o que estava fazendo era errado. Era contra a minha religião", lembra.

Sensível à situação de Jean José da Silva e demais alunos sabatistas, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UERN aprovou no início de 2017 a Resolução N° 01/2017, que dispõe sobre a realização de atividades acadêmicas em dias não coincidentes com o período de guarda sabática. A medida, em vigor desde fevereiro deste ano, surgiu da necessidade de coadunar a liberdade de crença

“Fui a várias universidades do Nordeste, federais e estaduais, para encontrar subsídios que pudessem nos amparar nesta decisão, nos somar, porém não havia nas instituições nenhuma norma que assegurasse aos sabatistas esse direito”

Ana Lúcia Aguiar, diretora da DAIN

religiosa com o dever institucional de promover o direito pleno e irrestrito à educação.

A discussão sobre a guarda sabática no âmbito da universidade, inclusive, foi decorrente de uma provocação do próprio estudante. “Quando eu estava no terceiro período, conversei diretamente com o reitor Pedro Fernandes Ribeiro Neto, através das redes sociais, sobre a minha situação e ele prontamente me respondeu. Fiquei até surpreso. A partir disso, possibilitou a discussão no Conselho”, recorda.

Paralelamente, também instigado pelo discente, o Departamento de Ciências Contábeis do CAP encaminhou ofícios à Pró-reitoria de Ensino e Graduação (PROEG) e à Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), solicitando posições quanto à temática. “Recebemos o parecer favorável da DAIN, mas da PROEG tivemos um parecer contrário, pois não havia nenhuma resolução desse tema na universidade na época”, diz o chefe do Departamento, o professor Me. Benedito Manoel do Nascimento Costa. Ele relembra, contudo, que antes mesmo de recorrer ao relatório da PROEG, o CONSEPE aprovou a referida resolução.

A diretora da DAIN, Ana Lúcia Oliveira Aguiar, revela que, quando se deparou com a demanda do CAP, reuniu sua equipe multiprofissional para decidir sobre a questão. “Fui a várias universidades do Nordeste, federais e estaduais, para encontrar subsídios que pudessem nos amparar nesta decisão, nos somar, porém não havia nas instituições nenhuma norma que assegurasse aos sabatistas esse direito”, diz.

Apesar da falta de referências normativas, a DAIN emitiu um parecer favorável para que o aluno pudesse ter um acompanhamento diferenciado, com base no preceito constitucional do direito ao culto. “Bem antes da resolução, ainda no 3º período, recebi um documento emergencial que me assegurava a guarda sabática no âmbito da UERN, fundamentado no parecer da DAIN. A professora da disciplina das sextas-feiras não questionou o documento e eu passei a vir nas quartas-feiras à tarde para fazer as atividades desta disciplina”, releva. Pouco tempo depois, o CONSEPE ratificou a decisão

Jean José e Marcos Morais falam sobre o benefício da resolução. Foto: Rodrigo Oliveira

a favor dos sabatistas. "A atuação do reitor, a mente aberta para provocar as discussões e fazer as coisas acontecerem foram fundamentais para essa conquista. Agradeço a todos que contribuíram para essa vitória", comemora.

Para o chefe do Departamento de Ciências Contábeis do CAP, a Resolução 01/2017 resolve um problema histórico na universidade. "A gente via a angústia dos estudantes, que por razão de sua religião, não podiam acompanhar as aulas às sextas-feiras. Como as disciplinas são em bloco, muitos se reprovavam por falta e atrasavam seus cursos", relata o vice-diretor do Campus Avançado de Patu, o prof. Esp. Aluísio Dutra de Oliveira. "A luta de Jean abriu caminho para outros alunos. Foi um avanço para a questão da inclusão na universidade", complementa Benedito Manoel.

O estudante Marcos Morais, que cursa o 5º período de Pedagogia, também no CAP, sentiu na prática os benefícios desta conquista. Natural de Olho d'Água do Borges, ele está irregular no curso justamente porque perdeu várias cadeiras pré-requisitos, por serem ministradas às sextas-feiras. "Os professores compreendiam a nossa situação, porém não podiam ir contra o regulamento da universidade na época. E eu entendo que o 'jeitinho' não é o ideal", diz.

Com a resolução, Marcos Morais sente-se seguro para poder concluir o seu curso. "Era uma situação muito difícil, pois meu pai não é adventista e dizia que eu tinha que ir para a faculdade. Era uma pressão muito grande e eu tinha a preocupação de atrasar demais o curso e ser jubilado, mas eu sabia que estava faltando às aulas por um motivo maior, para testemunhar a Deus. E a aprovação dessa Resolução comprova a presença de Deus em nossa vida", avalia o estudante, destacando que este é um grande passo para discutir cada vez mais a inclusão religiosa e o direito ao culto, no âmbito das universidades.

RESOLUÇÃO ANCORA-SE NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Com a resolução 01/2017, a UERN traz para os seus muros uma discussão travada no âmbito jurídico. Até então, ainda não existe uma posição dominante sobre o tema no Poder Judiciário Brasileiro. Os defensores da ideia de flexibilizar os horários de disciplinas dos cursos universitários para alunos que, por convicção religiosa, não podem exercer atividades desde o pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado argumentam que a livre manifestação religiosa é um direito fundamental, assegurado pela Constituição Federal. Por outro lado, há entendimentos de que a criação de privilégios em favor de determinada crença religiosa viola os princípios constitucionais da igualdade, e por consequência, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, aprovada em 1996, também orientada pelos princípios constitucionais, que determina que o aluno deve ter no mínimo 75% de presença para não ser reprovado por falta.

Diante da divergência normativa, a UERN, fundamentada no Art. 141 da Constituição Estadual do Rio Grande do Norte, no qual prevê que "as universidades estaduais gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial", decidiu, por meio de seu Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, reconhecer os direitos dos estudantes que têm a guarda sabática como dogma de sua religião e flexibilizar as práticas universitárias para estes discentes.

Para a pró-reitora de Ensino e Graduação (PROEG), Inessa Linhares, a resolução representa um passo muito importante para inclusão na universidade. "Esse é um anseio antigo dos estudantes da UERN que têm a guarda sabática como dogma de sua religião. Alguns desses alunos se sentiam prejudicados, quando faziam cursos noturnos, pois acabavam por atrasar seus cursos e até desistindo da faculdade. A norma é importante para possibilitar que o aluno permaneça e não atrase o seu curso", observa.
A diretora da DAIN, Ana Lúcia Aguiar, avalia que a resolução é um reconhecimento da UERN às diferentes práticas religiosas de seus alunos, considerando o respeito à liberdade, os princípios da diversidade e a plenitude de todos os estudantes, sem distinção.

HORÁRIOS FLEXÍVEIS

A resolução 01/2017 do CONSEPE assegura ao estudante da UERN que professe religião que adote a guarda sabática o direito de solicitar que as atividades acadêmicas de seu respectivo curso de graduação sejam realizadas em dia não coincidente com o referido período de guarda. Isso permite que o aluno possa conciliar suas atividades acadêmicas com suas práticas religiosas.

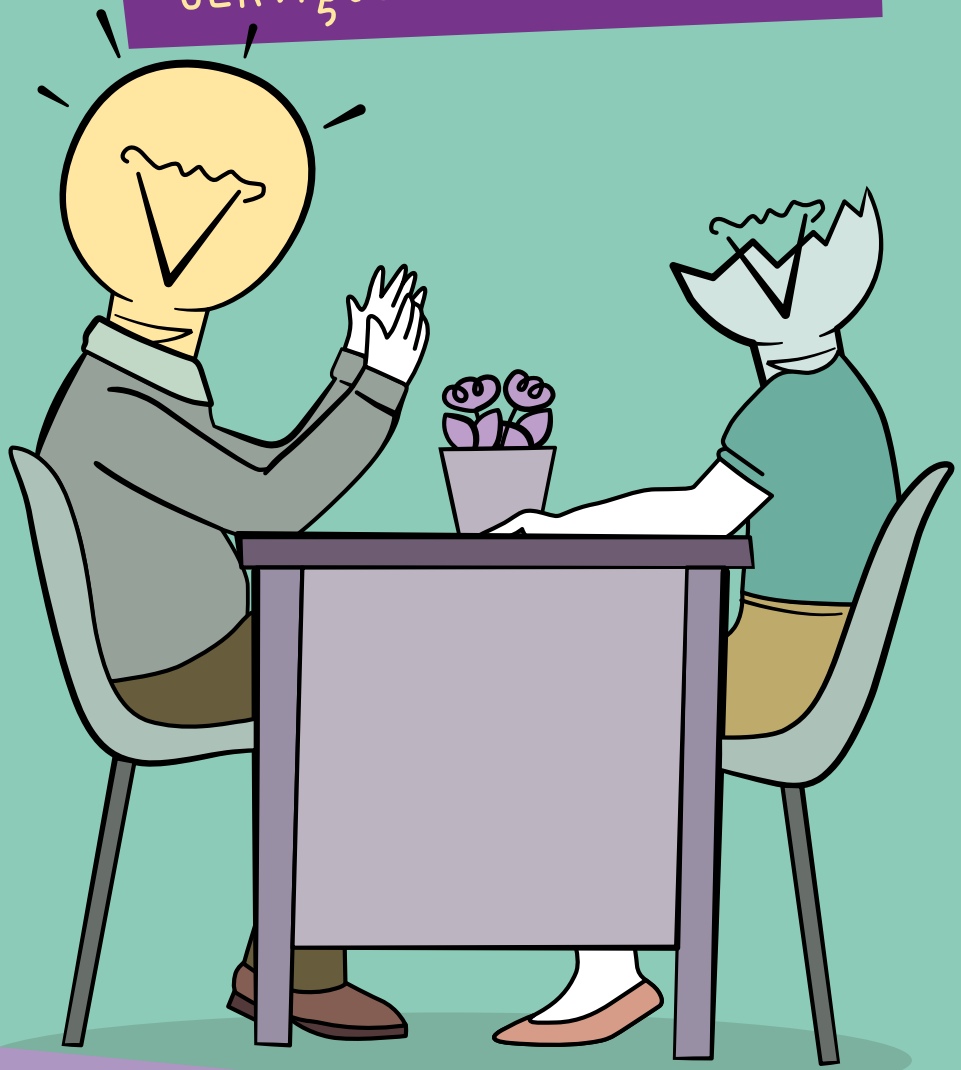
De acordo com Inessa Linhares, para fazer jus ao direito, o estudante deve fazer solicitação por escrito junto ao departamento acadêmico do curso de graduação ao qual é vinculado e anexar documento que comprove a condição de membro da entidade religiosa, emitido por autoridade competente.

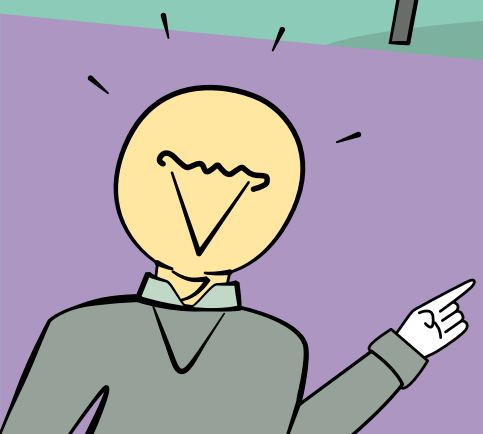
A partir da solicitação, caberá ao professor responsável pelas atividades acadêmicas efetuadas no dia de guarda sabática estabelecer prestação alternativa ao estudante. "Segundo o Art. 2 da Resolução, o aluno pode assistir a aula de reposição em outra data ou horário, ou realizar atividade avaliativa em outra data ou horário, ou apresentar trabalho escrito ou outra modalidade de atividade acadêmica", finaliza.

DESMOTIVAÇÃO?

NA HORA DE FAZER SEUS TRABALHOS?

MUDE ISSO. CONTE COM OS SERVIÇOS DE APOIO DA DAE





Mais informações

daeuern@gmail.com

(84) 3315.2185

DAE ··· PROHAE ···

UERN

agecom Agência de Comunicação da UERN

Assembleia comandada por Pe. Sátiro Dantas.
Fotos: Acervo histórico da FUERN

HÁ 30 ANOS A **UERN SE TORNAVA ESTADUAL**

Até a metade da década de 1980, a UERN ainda era FURRN, uma universidade municipal que atuava em Mossoró e em outras três cidades. Mesmo cobrando mensalidades dos alunos, dependia das ajudas do Estado e da União

Fruto da união de instituições de ensino superior situadas em Mossoró, a UERN nasceu como Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN). Em 28 de setembro de 1968 a universidade foi fundada tendo como primeiro reitor João Batista Cascudo Rodrigues. Mesmo pertencente ao município, a FURRN cobrava mensalidades aos alunos, que precisavam recorrer aos financiamentos do crédito educativo para prosseguirem com os estudos.

Desde sua origem, como o próprio nome indicava, a UERN seguia com sua vocação regional; pertencendo a Mossoró, a então FURRN tinha campi nas cidades de Patu, Pau dos Ferros e Assú na época da estadualização. Se por um lado havia essa vocação, por outro não faltavam dificuldades em uma universidade que contava com os apoios do governos Estadual e Federal. O município não conseguia suprir as obrigações.

Era comum que recursos federais e estaduais fossem enviados para socorrer a universidade dos constantes atrasos salariais. “A universidade desde o seu nascedouro, em 1968, já estava em crise. A partir de 1973, quando os Rosados são eleitos através de Dix-huit, começa um processo de controle da universidade por conta de um único grupo político. Não entravam recursos na universidade senão via Vingt Rosado, que batia às portas do Governo Federal”, relembra o professor João Batista Xavier, ex-presidente da Associação dos Docentes da FURRN (ADFURRN).

A mobilização inicial era pela federalização

O prefeito Dix-huit Rosado participou das discussões

As crises se intensificaram a partir de 1983, quando a economia do país entrou em colapso com a inflação cada vez mais intensa. Começaram as discussões para encontrar um caminho para a universidade. Um "projeto de emergência" foi formado tendo como um dos integrantes o professor João Batista Xavier. "Foi um movimento difícil iniciado por um pequeno grupo de professores", declarou.

Após assumir em 5 de agosto de 1985 como reitor Pró-tempore da FURRN, após uma crise política que derrubou o então reitor Laplace Rosado, Padre Sátiro Cavalcanti decide pedir ajuda aos três níveis de poder para buscar uma solução aos problemas da universidade.
A primeira tentativa foi a de federalização. Ao longo do segundo semestre de 1985 a proposta foi amplamente discutida. A situação financeira da UERN era caótica. "O ápice da crise foi no ano de 1985. Vários servidores iam ao meu gabinete chorando. Mandavam as pessoas irem buscar outra coisa porque ia fechar e eu dizia que isso não ia acontecer porque aqui tinha homem", relata o então presidente do sindicato dos técnicos, Carlos Filgueira (na época era professor e técnico administrativo).

Em 18 de janeiro de 1986 o então ministro da Educação Marco Maciel veio a Mossoró ser paraninfo das turmas que colaram grau no Campus Central, ocasião em que se discutiu a possibilidade de federalização. Naquele dia, ele concedeu audiência ao reitor, Padre Sátiro, e à comissão que buscava uma solução para a universidade. A possibilidade de federalização ou anexação à Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) foi discutida. Apesar do clima amistoso, foi percebido que a ideia não iria muito longe.

A partir dessa data, o reitor padre Sátiro passou a fazer uma peregrinação por Brasília. Em uma das audiências, o ministro da Educação o aconselhou seguir um caminho considerado mais viável: a estadualização. Justificara que em Mossoró já tinha a ESAM e até mesmo uma fusão entre as duas instituições estava descartada. Restou articular-se junto ao Governo do Estado. A luta por uma UERN mais forte ganhava um novo rumo.

O ano de 1986 foi decisivo para a então FURRN. Em uma profunda crise orçamentária, o reitor Padre Sátiro declarou ao jornal O Mossoroense (edição de 16 de abril) que, diante da crise, os campi de Patu, Pau dos Ferros e Assú seriam fechados caso as prefeituras daquelas cidades não colaborassem. Ele estendeu o pedido aos municípios vizinhos. Padre Sátiro também pediu as colaborações dos governos estadual e federal. Diante de mais uma ausência de solução, ele voltou a ameaçar fechar a universidade, em maio de 1986. Ainda tentou um entendimento com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 19 de maio de 1986, para uma anexação, mas o diálogo mais uma vez não avançou.

Exatamente um mês depois, 19 de junho, começaram as discussões a respeito da estadualização. Coube ao professor Paulo Linhares, que era o presidente da Associação dos Docentes, redigir o projeto de estadualização após a realização de pré-assembleias com cada segmento da instituição. O passo seguinte foi a discussão final em 8 de julho de 1986, na célebre reunião do PAX marcada pela presença de todos os segmentos da universidade. O item 10 do documento afirmava que se até 20 de setembro as discussões não avançassem, a FURRN paralisaria as atividades.

Então ministro Marco Maciel descartou possibilidade de federalização

Paulo Linhares conta que foi feito um processo de discussão envolvendo o prefeito Dix-huit e o governador Radir Pereira. “O prefeito em um primeiro momento resistiu por entender que era um patrimônio valioso demais para o município se desfazer, mas foi convencido de que a Prefeitura e os alunos não possuíam condições de manter a instituição. Com Radir a conversa foi mais no sentido de mostrar que estadualizar a UERN seria a grande chance dele deixar um legado porque em nove meses ele não teria como fazer uma grande obra”, disse. Paulo Linhares ainda acrescenta uma curiosidade: assim como Dinarte Mariz, fundador da UFRN, Radir Pereira era seridoense e sem curso superior.

Após o prefeito Dix-huit Rosado e o governador Radir Pereira acatarem a ideia da estadualização, restava ir à luta no parlamento. Era preciso convencer 21 vereadores e 24 deputados estaduais a concordar com o projeto.

No dia 20 de agosto, às 9h, saiu da Praça da Catedral uma caravana rumo a Natal. O grupo foi recebido às 15h no Palácio Potengi, antiga sede do governo do Estado, para audiência com o governador Radir Pereira. Numa reunião aberta e com salão lotado, o reitor padre Sátiro entregou o anteprojeto que autorizava a incorporação da FURRN ao sistema de ensino do Estado.

No Clube Aceu, uma reunião de professores e alunos para ouvir a cadeia de rádios que transmitiam ao vivo a audiência. Naquela ocasião, o presidente da Assembleia, Willy Saldanha, comprometeu-se em fazer uma rápida tramitação do projeto na casa. Aguardava-se que as casas parlamentares fizessem a parte delas.

“Com Radir a conversa foi mais no sentido de mostrar que estadualizar a UERN seria a grande chance dele deixar um legado porque em nove meses ele não teria como fazer uma grande obra”

Paulo Linhares, professor de Direito da UERN

A estadualização foi aprovada praticamente ao mesmo tempo na Assembleia Legislativa e na Câmara Municipal.

A Assembleia autorizou a estadualização em 10 de setembro de 1986. Os 14 deputados presentes aprovaram a proposta por unanimidade. Curiosamente os deputados mossoroenses, Carlos Augusto Rosado e Jota Belmont, não estavam presentes. Mas Padre Sátiro minimiza a ausência. “Afirmo com toda certeza que foi mero acidente de trabalho, porque com toda certeza também estavam comprometidos, não apenas com o reitor pessoalmente, mas com toda comunidade mossoroense”, frisou no livro Bastidores de uma Luta.

Estadualização autorizada em nível de Estado, era hora de a Câmara Municipal de Mossoró avançar com o projeto. Após a conclusão das tratativas, o prefeito Dix-huit Rosado enviou em 12 de setembro de 1986 o ofício 208/86 com o Projeto de Lei que autorizava a transferência da FURRN ao Governo do Estado. “Chegando na Câmara recebemos a proposta com alegria e não colocamos qualquer dificuldade na tramitação. Sabíamos que a estadualização seria a redenção da nossa universidade e não perdemos tempo”, disse o então vereador Almeida Sobrinho.

De fato, foi uma aprovação rápida graças a um pedido de urgência formulado pelo vereador Antônio Duarte. O projeto que chegou à casa numa segunda-feira, dia 15 de setembro, foi aprovado em 24 horas. Na sessão de 16 de setembro estiveram presentes 19 dos 21 vereadores. Numa sessão rápida e de discursos em defesa da FURRN, a proposta passou com tranquilidade e foi para sanção do prefeito Dix-huit Rosado.

Em 18 de setembro, Dix-huit Rosado sancionou a lei que transferia a FURRN ao Governo do Estado. Coube ao governador Radir Pereira sancionar o projeto em 26 de setembro em um grande ato realizado na então Praça Cívica do Campus Central, em Mossoró. Mas esse não era o ato final. A antiga FURRN ainda não estava plenamente estadualizada. A luta estava apenas começando. Havia outras batalhas pela frente. Faltava regulamentar a transferência dos bens e fazer um levantamento da situação contábil da universidade. Várias comissões foram formadas. Somente em dezembro haveria uma solução final, quando no dia 18 o governador Radir Pereira convocou a Assembleia Legislativa extraordinariamente apenas para tratar do Projeto de Lei 393/86, que abordava a Lei Orgânica da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN) e disciplinava a sua incorporação ao sistema estadual de ensino. A proposta passou por unanimidade em 19 de dezembro. A estadualização só aguardava sanção do projeto, que seria apenas em 8 de janeiro de 1987.

LINHA DO TEMPO

1968

FUNDAÇÃO

A UERN foi fundada em 28 de setembro de 1968, pela Lei Municipal Nº 20/68.

1986

REUNIÕES

Começam as discussões sobre a estadualização, com destaque para a célebre reunião do PAX que contou com a presença de todos os segmentos da universidade.

1986

ASSEMBLÉIA

A Assembleia autorizou a estadualização em 10 de setembro de 1986. Os 14 deputados presentes aprovaram a proposta por unanimidade.

O grande dia finalmente chegou. A data escolhida foi 8 de janeiro de 1987. Através de um processo que durou pouco mais de seis meses (período contado a partir da decisão de lutar pela estadualização), a solenidade que sacramentou a incorporação da FURRN ao Governo do Estado foi realizada no Edifício Epílogo de Campos.

Foram assinados dois atos: o primeiro pelo prefeito Dix-huit Rosado, transferindo a FURRN ao governo. O segundo assinado pelo governador Radir Pereira, incorporando a entidade ao sistema estadual de ensino. No mesmo dia que a estadualização se tornava um sonho realizado, o reitor padre Sátiro anunciava que estava deixando o cargo. "Tinha a consciência que a minha missão estava cumprida", explicou. A decisão já estava tomada há algum tempo.

A partir daí era necessário iniciar o processo de consolidação da estadualização em um momento de transição de governo. Geraldo Melo, vitorioso na eleição de 15 de novembro de 1986, tomaria posse em 15 de março já com o compromisso de dar continuidade ao trabalho deixado pelo antecessor.

Em 9 de janeiro, padre Sátiro passa a Reitoria ao professor Antônio Capistrano, primeiro vice-reitor eleito democraticamente pela universidade. Coube a ele fazer a consolidação. "No mesmo dia da assinatura da Lei de estadualização, à tarde, na Reitoria, tive uma conversa com padre Sátiro. Ele me avisou que na manhã seguinte, dia 9 de janeiro, deixaria o cargo de dirigente pro-tempore da FURRN, pois já tinha cumprido a sua missão, eu como vice-reitor assumiria. Perguntou-me se estava preparado para assumir o comando da instituição, e eu disse que sim. Tarefa difícil substituí-lo, mas aceitei o desafio, um grande desafio que alguns não acreditavam que eu cumprisse. Mas cumpri. Terminei o meu período de reitor com a consciência tranquila do dever cumprido. Fui o reitor da implantação da nova universidade", relembra Capistrano.

O ato inaugural da gestão de Antônio Capistrano seria elaborar um novo

1986

APROVAÇÃO

Em 15 de setembro, o projeto chegou à Câmara Municipal e foi aprovado em 24 horas.
Em 18 de setembro, Dix-huit Rosado sancionou a lei que transferia a FURRN ao Governo do Estado.

1986

SANÇÃO

Coube ao governador Radir Pereira sancionar o projeto em 26 de setembro de 1986 em um grande ato realizado na então Praça Cívica do Campus Central, em Mossoró.

1987

ESTADUALIZAÇÃO SACRAMENTADA

08 de janeiro, a solenidade que sacramentou a incorporação da FURRN ao Governo do Estado foi realizada no Edifício Epílogo de Campos.

estatuto. "Criar uma verdadeira Instituição Universitária, democrática, com uma estrutura departamental funcionando, com um novo projeto de universidade sendo debatido pelos diversos segmentos. Não era uma tarefa fácil, principalmente com a onda de democratismo que naturalmente surgiu após o período ditatorial", explicou.

Outro ato importante foi o perdão aos alunos inadimplentes nos tempos em que a FURRN cobrava mensalidades. "Com a estadualização, os débitos dos alunos com mensalidades relativas aos períodos anteriores foram extintos. Não havia sentido uma universidade que passava a ser pública e gratuita insistir na cobrança de mensalidades atrasadas de seus alunos", justifica.

A estadualização da FURRN, que na década de 1990 passou a ser a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mudou a história da instituição de ensino superior que, se não deixou de enfrentar crises, passou a caminhar com as próprias pernas e hoje conta com cursos de mestrado, doutorado, tendo atualmente seu corpo docente formado em sua maioria por doutores. "Com a estadualização avançamos em todos os aspectos, com o reconhecimento da universidade, a institucionalização, o funcionamento das entidades sindicais... a estadualização não se deve a A, B ou C, mas por uma luta coletiva das instâncias das universidades", avaliou João Batista Xavier. "Tenho certeza, dentre as opções existentes, a estadualização foi a mais viável, tendo sido fundamental no processo de reconhecimento da FURRN e de cinco cursos que funcionavam há algum tempo e não eram reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação. O que possibilitou esse reconhecimento foram as condições dadas pela nova realidade da Instituição com a sua estadualização", acrescenta Capistrano.

Com a estadualização da UERN tornando-a pública e gratuita, a universidade conseguiu assumir o papel de levar educação a todas as regiões do Estado, contando hoje com seis campi. O papel social também não pode ser esquecido: são mais de 80% de alunos oriundos de escolas públicas.

Glendha Eulália, aluna do campus de Assú.
Fotos: Fernando Nícolas

NOME SOCIAL: AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE

A importância de ser reconhecido como se é

Glendha Eulália é aluna do Campus de Assú

A famosa frase de Simone de Beauvoir, "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher", inserida na obra icônica "O segundo sexo", reflete a luta feminista, com todos os seus mitos e cultura, algo que vai além da biologia. Essa frase também pode ser atribuída ao sentimento de muitas pessoas que não se encaixam no corpo em que nasceram. É possível nascer biologicamente com o sexo feminino, mas não se tornar mulher, não se sentir mulher... Também é possível nascer com o sexo masculino e se sentir mulher, tornar-se mulher. Parafraseando Simone de Beauvoir, não seria errado seguir essa lógica e afirmar que "Ninguém nasce homem, torna-se homem".

Para a estudante Glendha Eulália, que se descobriu flor ainda na infância, esse novo 'parto' demorou quase duas décadas. Aconteceu apenas aos 19 anos, quando ela iniciou sua transição. Glendha é aluna do 8º período do curso de Geografia, do Campus Avançado de Assú. Desde muito pequena, seus gostos flertavam com o universo feminino, com a delicadeza dos gestos, com a dança e as brincadeiras tidas 'de meninas'. Aos 11 anos admirava as colegas da escola e queria ser como elas, se sentia como elas... Hoje, ela é. Glendha ressalta que ser tratada como se sente e como se vê é, acima de tudo, uma atitude de reconhecimento e afirmação. Ela é uma das estudantes beneficiadas com a Resolução Nº 22/2016 - Nome Social, aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE – da UERN, em meados de 2016.

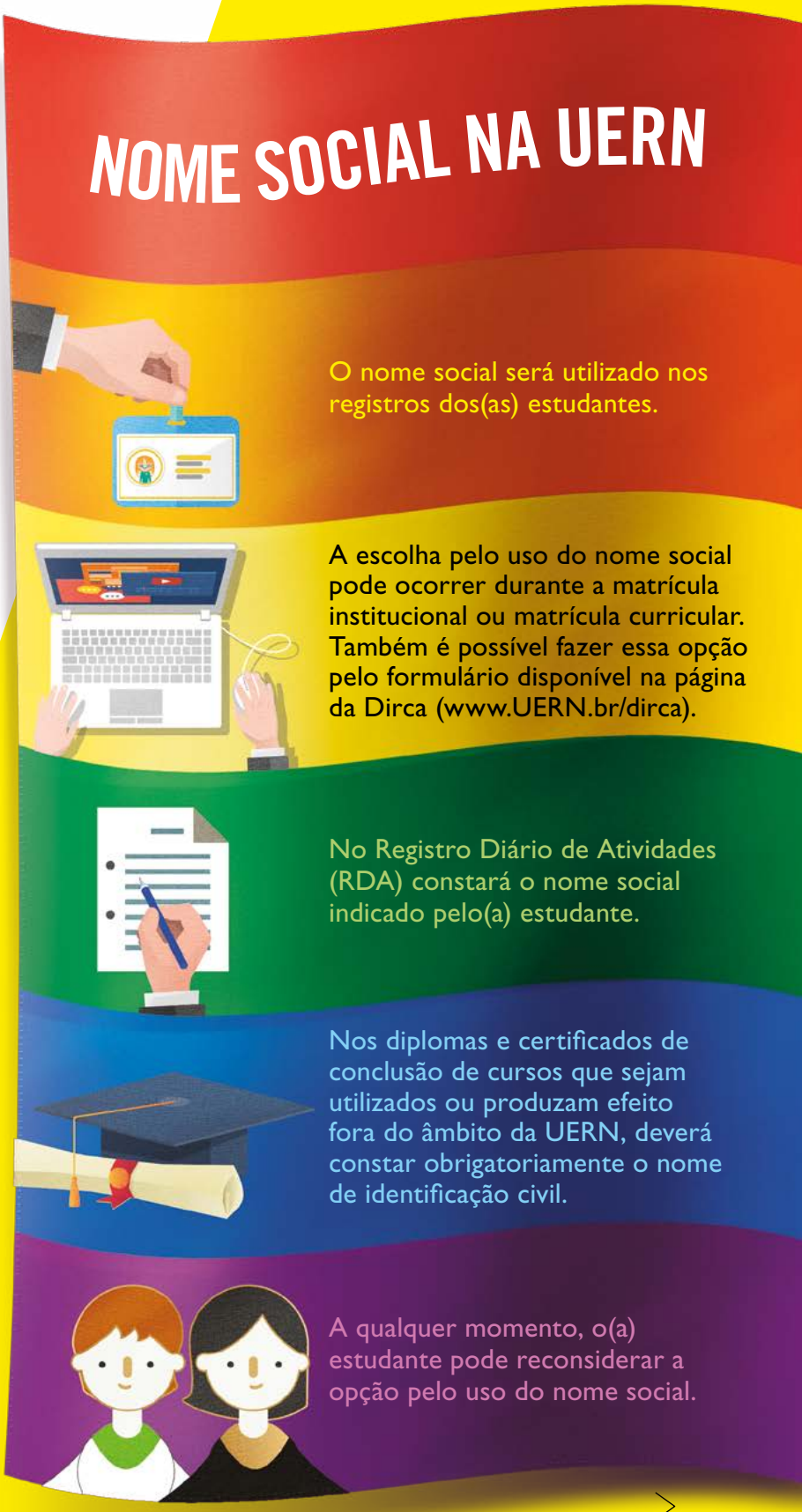
Conforme a Diretoria de Admissão, Registro e Controle Acadêmico (DIRCA), a UERN conta atualmente com cinco estudantes que solicitaram o uso do nome social, cuja Resolução foi aprovada na UERN em 13 de abril de 2016, considerando o decreto estadual n. 22.331, de 12 de agosto

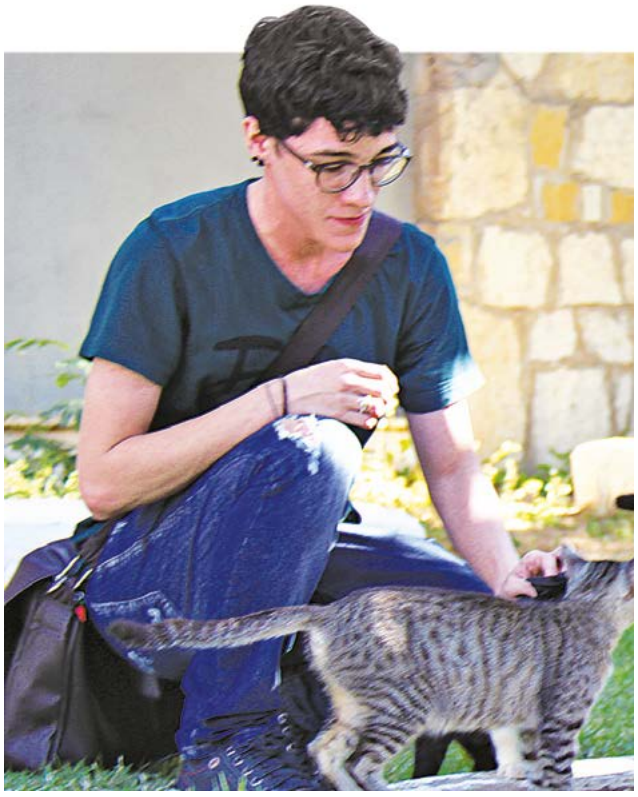
de 2011 e a Resolução do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT). O prof. Egberto Mesquita, diretor da DIRCA, esclarece que o formulário para uso do nome social está inserido na página da Dirca.

A Resolução do Nome Social representa um importante avanço na luta LGBT, mas ainda há outros desafios. Para ser reconhecida como Glendha, a estudante conta que travou uma luta árdua. "Tive que ir ao Ministério Público, já tinha o decreto estadual e a lei nacional que me amparavam. Quando pedi a alteração, tive que criar o requerimento", afirma Glendha.

Ser diferente e impor sua identidade não é fácil. Apesar da compreensão paterna e a aceitação de alguns parentes, Glendha afirma que as principais demonstrações de preconceito aconteceram na família, onde ela não encontra o apoio necessário. No Campus de Assú ela afirma que nunca foi hostilizada. "Eu decidi que só ia começar a transição após a maioridade, tinha medo de meu pai não aceitar e me mandar embora. Esperei terminar o Ensino Médio. Minha mãe morreu quando eu ainda era pequena, meu pai aceitou, não era o que ele queria, mas ele não me colocou pra fora de casa", afirmou Glendha.

Glendha Eulália é a única da família que terminou o Ensino Médio e entrou na universidade, os outros irmãos não estudaram. A vontade de estudar surgiu na infância. Para ela, além do conhecimento adquirido, o estudo impõe mais respeito e oferece





José Eduardo, aluno da Faculdade de Letras e Artes, Campus Central

oportunidades que vão além do senso comum e do estigma de que as pessoas trans e travestis só podem trabalhar na área da beleza ou no caminho da prostituição. "Por ser trans, as pessoas olham de forma diferente... Quando você tem uma formação, as pessoas tendem a lhe respeitar. Nunca tive medo e nem fui de me acuar ou me esconder", afirma Glendha.

A diretora do Campus de Assú, Marlúcia Barros, conta que a estudante teve que travar uma batalha severa, pois o nome civil de Glendha sempre aparecia no sistema. "Se eu disser o nome dela no registro, ninguém sabe nem quem é... Hoje temos mais duas alunas trans. Para mim já era algo natural, fui conhecer e conviver com Glendha e a vejo como qualquer outra aluna e nunca senti por parte de quem trabalha com a gente um tratamento diferente", destaca Marlúcia.

Glendha Eulália foi batizada pelos pais como Jeferson Henrique, ela não se importa em dizer o nome civil, mas ela não é Jeferson. "Pretendo fazer a transição completa e a redesignação de gênero, esse é um plano para os próximos cinco anos. Me sinto despreparada para passar pela cirurgia. Sempre tive necessidade de mudar, não é para agradar ninguém, é para me ver como sou... O tom de voz é o de menos, mas o órgão genital é complicado, você não se sente bem com ele, entende? Nunca gostei de mostrar meu órgão nem para mim mesma, imagine para outra pessoa", ressalta Glendha.

Além de militar pela causa LGBT, Glendha também é uma das coordenadoras do Diretório Central dos Estudantes (DCE/UERN).

"ENQUANTO EDUARDO EU TENHO UMA NOVA CONSTRUÇÃO DE MIM MESMO"

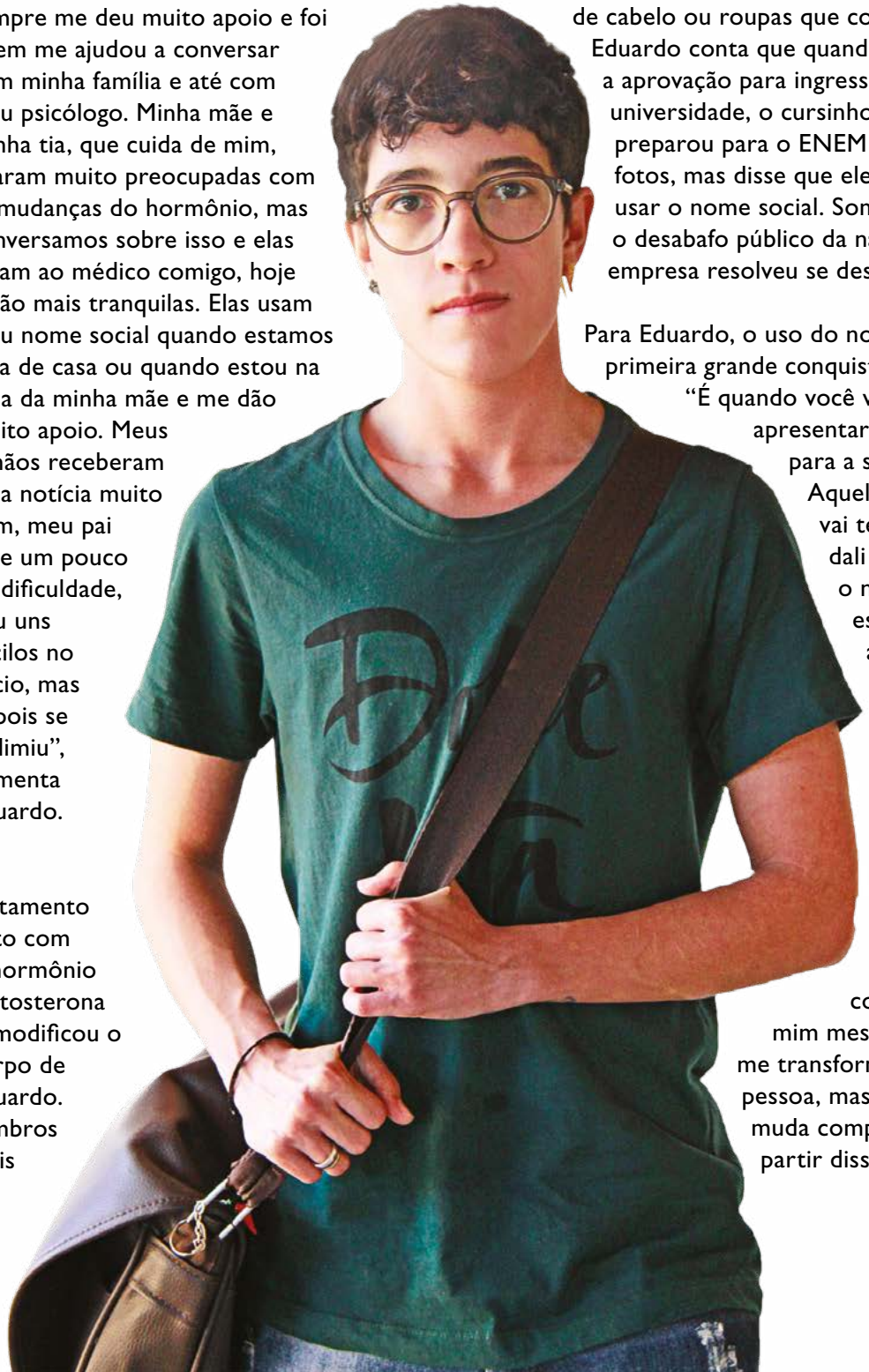
Nos corredores da Faculdade de Letras e Artes (FALA), o estudante José Eduardo, aluno do 1° período de Letras Vernáculas, poderia passar despercebido. Ele é um garoto como muitos outros e assim vem sendo tratado pelos colegas e professores da FALA.

Eduardo é um dos alunos que decidiu usar o nome social. Ele iniciou a transição em agosto de 2016, quando assumiu sua identidade de homem trans para alguns membros da família e amigos próximos. Além do atendimento psicológico, o estudante faz o tratamento hormonal há quatro meses, esse tratamento é acompanhado por um médico de Natal.

Em sua descoberta, Eduardo encontrou no amor a 'âncora' que

lhe permitiu afirmar sua identidade, ponto de equilíbrio e força. Nesse processo, o apoio da namorada Amanda Araújo foi crucial: “Ela foi a primeira pessoa a saber. Foi ela quem me descobriu enquanto trans e veio conversar comigo sobre isso, sempre me deu muito apoio e foi quem me ajudou a conversar com minha família e até com meu psicólogo. Minha mãe e minha tia, que cuida de mim, ficaram muito preocupadas com as mudanças do hormônio, mas conversamos sobre isso e elas foram ao médico comigo, hoje estão mais tranquilas. Elas usam meu nome social quando estamos fora de casa ou quando estou na casa da minha mãe e me dão muito apoio. Meus irmãos receberam essa notícia muito bem, meu pai teve um pouco de dificuldade, deu uns vacilos no início, mas depois se redimiu”, comenta Eduardo.

O tratamento feito com o hormônio testosterona já modificou o corpo de Eduardo. Ombros mais largos, voz mais grave e pêlos pelo corpo são alguns dos efeitos mencionados pelo estudante. “Também altera meu humor, eu terei que tomar esse hormônio pelo resto da vida”, afirma o estudante.



Fora as piadas de parentes, devido ao corte de cabelo ou roupas que costuma usar, Eduardo conta que quando conseguiu a aprovação para ingressar na universidade, o cursinho onde ele se preparou para o ENEM solicitou umas fotos, mas disse que ele não podia usar o nome social. Somente após o desabafo público da namorada, a empresa resolveu se desculpar.

Para Eduardo, o uso do nome social é a primeira grande conquista.

“É quando você vai se apresentar novamente para a sociedade. Aquele nome é o que vai te reconhecer dali pra frente, é o nome que você escolhe para afirmar sua identidade. Eu sou Eduardo, embora isso não esteja escrito num papel, enquanto Eduardo eu tenho uma nova construção de mim mesmo, não que eu me transforme em outra pessoa, mas a minha vida muda completamente a partir disso”.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Indica a atração desenvolvida pela pessoa

HETEROSSEXUAL

Sente atração pelo gênero oposto

HOMOSSEXUAL

Sente atração pelo mesmo gênero

BISSEXUAL

Sente atração pelos gêneros cis - masculino e feminino

ASSEXUAL

Não sente atração sexual

IDENTIDADE DE GÊNERO

É a maneira como a pessoa se enxerga e se identifica

CISGÊNERO

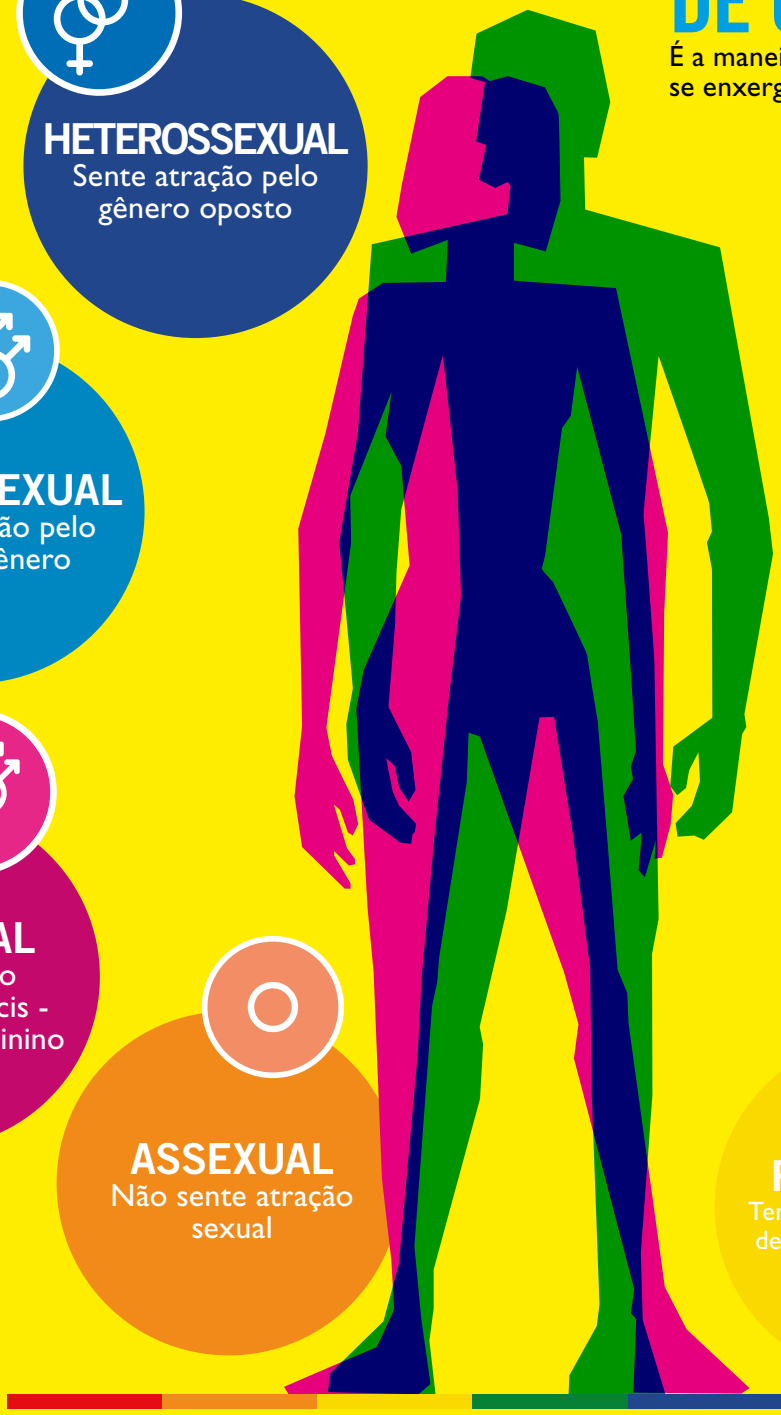
A pessoa se identifica com o mesmo gênero do nascimento

TRANS OU TRANSGÊNERO:

A pessoa se identifica com um gênero diferente do nascimento

PANSEXUAL

Tem atração por pessoas de qualquer identidades de gênero



“O reconhecimento do nome social melhora nossas vidas”

José Eduardo, aluno da FALA

O estudante comenta que é torturante ser chamado pelo nome de registro. “Porque é algo que marca seu passado, um nome que traz muitas dores e sofrimentos que você tenta esquecer... O nome social é seu novo recomeço, o uso dele é fundamental porque é quando você reconhece aquela pessoa trans e é quando você mostra que ela pode se sentir segura ali, pois será respeitada. Os processos de retificação de nome são muito demorados e o que nos ameniza esse sofrimento é o reconhecimento do nome social, por isso a importância dele nos meios acadêmicos, de trabalho e não somente nos nossos grupos sociais. Imagine só, ter que ir ao médico e quando pedem sua carteira do plano, vem lá seu nome de registro e quando você tenta explicar que não quer ser chamado por esse nome, ninguém entende. Daí você está lá esperando pra ser atendido e gritam seu nome de registro na sala para todo mundo ouvir, você se levanta com a maior vergonha do mundo. Qual o problema em termos a opção ‘nome social’ nas fichas, para não passarmos por isso? Para alguns essa situação pode ser mais fácil de lidar e para outros pode ser o motivo de não voltar mais ao médico, e como fica nossa saúde? Tudo depende do grau de disforia, é muito delicado, mas é fato que o reconhecimento do nome social melhora nossas vidas”, conclui Eduardo.

A LUTA AGORA É OUTRA: A REFLEXÃO DE UMA TRANSFEMINISTA

A escritora e transfeminista Helena Vieira, paulista radicada no Ceará, participou de um evento científico na UERN, realizado em julho deste ano e promovido pelo Grupo de Estudos em Indisciplina e Violência nas Escolas e pelo grupo de pesquisas e estudos Contexto, da Faculdade de Educação. Na oportunidade, ela falou sobre os desafios da inserção e permanência de estudantes trans nas universidades.

Helena começou sua militância pela causa LGBT quando se mudou para Fortaleza/CE há mais de dois anos, período em que iniciou sua transição. “Antes da minha mudança de gênero, eu militava em movimentos de educação e moradia em São Paulo. Quando fiz minha transição percebi o quanto o mundo começava a ser duro, sobretudo para as pessoas trans. É nesse momento que eu decido começar a tentar entender as questões trans e construir uma luta a partir disso”, ressalta Helena, acrescentando que existem muitas formas de se engajar nessa luta. “Eu decidi me engajar pela corrente do transfeminismo, que é a perspectiva de um feminismo que pensa a condição das mulheres trans, como um alargamento da noção de mulher”, explica Helena.

Para Helena, é preciso dar visibilidade e ocupar espaços mostrando a importância de desenvolver políticas públicas na área da saúde e segurança, além de possibilitar a permanência do público trans nas universidades. “Esse abandono faz com que a gente morra, porque a gente está vulnerável, quem está na rua se prostituindo está vulnerável... Essa vulnerabilidade tem a ver com o tipo de conhecimento que a gente produz, com a exclusão das pessoas trans das universidades. Deu acesso, mas e a permanência? E o banheiro? E o nome? A universidade não pode ser um espaço que expulsa as pessoas trans, ela tem

Helena Vieira, em ação de concientização realizada pela UNE. Foto: cedida

que ser um espaço que recebe a diversidade e que se modifica para receber essas pessoas. Se nos anos 70 a gente debateu as adequações das universidades para receber pessoas com deficiência, rampas, piso tátil, biblioteca em braile, hoje a gente tem que discutir essa outra camada da população que está fora desse lugar e tem o direito a esse lugar".

Para Helena, o nome social é extremamente importante. "Imagina você fazer o ENADE, as turmas são separadas por letra. Meu nome do registro civil é Fernando, você imagina eu, que não pareço homem, estar numa sala cheia de Fernando... Ou estou numa chamada e alguém chama Fernando e levanta uma mulher. Isso gera outro olhar da turma. É preciso que as pessoas possam ser chamadas pelo nome que elas têm e o nome social ainda é uma política de adequação, não é a ideal. O nome social faz com que você fique com dois nomes e isso fica confuso. Enfim, o nome social é um paliativo, o que a gente precisa mesmo é de uma lei como a da Argentina, que facilite o processo de retificação do nome das pessoas trans", opina a transfeminista.

Sobre o que é ser mulher, Helena afirma que o feminismo vem tentando responder essa pergunta há muito tempo. "Eu acho que o mundo se constituiu de uma forma que a masculinidade se torna poder, dominação e violência, e a feminilidade se torna a doçura, passividade, etc... Não acredito que isso defina a mulher. Ser mulher é a experiência no mundo das pessoas que se identificam como mulher, porque para a mulher branca, a vida é uma coisa, para a mulher negra é outra, para a muçulmana é outra, para a transgênero é outra, para idosa é outra e para a nova é outra... Então se é você que engravida, as mulheres que são estéreis não são mulheres? O que define? É a percepção da pessoa em relação ao mundo. O que a gente precisa, acredito eu, é o alargamento do que é ser mulher. É entender que existem muitas

Helena Vieira, escritora. Foto: Gui Gomes

“Decidi me engajar pela corrente do transfeminismo, que é a perspectiva de um feminismo que pensa a condição das mulheres trans, como um alargamento da noção de mulher”

experiências da feminilidade e que todas essas experiências juntas comportam um grande quadro do que seja ser mulher, não tem uma resposta fixa”, finaliza.

DIRETORIA DE AÇÕES E POLÍTICAS INCLUSIVAS AMPLIA AÇÕES PARA A QUESTÃO DE GÊNERO

A Diretoria de Ações e Políticas Inclusivas (DAIN/UERN) desenvolverá duas novas ações com o objetivo de ampliar a acessibilidade no âmbito da UERN. Um desses trabalhos é voltado para a questão de gênero e da sexualidade.

Conforme a professora Dra. Ana Lúcia Aguiar, diretora de Inclusão, a DAIN já acolhe as situações que chegam ao setor. “A partir desse semestre - 2017.1 - vamos trabalhar também com as questões de gênero e sexualidade, voltadas ao público LGBT. Atendendo ao que prescreve a norma e a lei, a UERN está buscando essas adequações, tomando como referência a legislação estadual e federal, preservando o direito e o respeito aos princípios da diversidade humana e contra qualquer forma de discriminação”, afirma Ana Lúcia.

Diretoria transversal que atende toda a universidade, a DAIN trabalha com a busca da quebra de várias barreiras, uma delas é a atitudinal. “Não tem coisa mais dolorosa, mais doída, do que uma atitude de exclusão. Isso passa muitas vezes por um olhar, por uma forma de agir... É preciso que estejamos, o tempo inteiro, alertas para buscarmos a quebra dessa barreira atitudinal”, destaca Ana Lúcia, ressaltando que não se pode naturalizar e banalizar o cotidiano excludente.

“É preciso exercitar o olhar sob o cotidiano de forma detalhada. Ter em mente nossa responsabilidade tcom o outro e a alteridade. Olhar o outro se colocando no lugar dele é fundamental”, opina Ana Lúcia.

Além das ações cotidianas, a DAIN também discute essas questões em eventos científicos. O IV Seminário Potiguar – Educação, Diversidade e Acessibilidade que acontece a cada dois anos, contará com uma mesa sobre a questão de gênero e sexualidade.

Outro evento ligado à DAIN é o Encontro Regional de Narrativas (Auto) Biográficas (ENARB), que acontecerá em dezembro e também contará com um GT sobre gênero e sexualidade.

Louise Penélope , estudante de Comunicação.
Fotos: Fernando Nícolas

DA U
ESC

89% DOS
ESTUDANTES
UERN SÃO DE
OLA PÚBLICA

Alunos do curso de Comunicação Social

A educação, de fato, transforma as pessoas. Transforma o mundo. É através da educação que o filho do agricultor pode virar médico, que o menino pobre da zona rural de uma cidade com pouco mais de 12 mil habitantes pode fazer intercâmbio nos Estados Unidos, que tantas e tantas vidas de pessoas e famílias são modificadas e começam a traçar um novo caminho, com mais oportunidades, com mais perspectivas.

Tendo a formação de pessoas como sua essência, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) tem cumprido com responsabilidade e excelência o papel ao qual se propõe. Mais que isso, a instituição fundada no interior do estado do Rio Grande do Norte tem sido protagonista na transformação social e econômica de milhares de famílias potiguares e de outros estados brasileiros.

Sua relevância para a sociedade torna-se mais expressiva ao analisar o perfil socioeconômico e cultural da sua comunidade estudantil. Hoje, 89,15% dos estudantes da UERN são oriundos de escola pública, de acordo dados do formulário ID-UERN. Ainda conforme o levantamento, 35,02% dos discentes são de famílias que vivem com renda de até um salário mínimo e, em sua maioria, serão os primeiros membros de sua geração familiar a concluir o ensino superior.

"Os números reforçam a importância social da UERN no Rio Grande do Norte e nos estados vizinhos. Demonstram o importante trabalho que vem sendo feito no interior, voltado para os estudantes oriundos de classe econômica menos favorecida", avalia a pró-reitora de Ensino de Graduação (PROEG), Inessa Linhares.

Para a pró-reitora, a Lei N° 8.258, de 2002, que reserva

“Os números reforçam a importância social da UERN no Rio Grande do Norte e nos estados vizinhos. Demonstram o importante trabalho que vem sendo feito no interior”

Inessa Linhares, pró-reitora de Ensino e Graduação

anualmente 50% das vagas da UERN para estudantes que tenham cursado integralmente os ensinos fundamental e médio em escola pública, foi fundamental para a construção do atual cenário. O sistema de cotas tenta equilibrar o processo seletivo para os cursos de graduação, colocando os alunos de baixa renda em pé de igualdade com estudantes com maior poder aquisitivo.

A Lei Nº 9.696/13, que reserva 5% das vagas da UERN para pessoas com deficiência, também representou grande avanço no processo de construção de uma universidade plural e inclusiva. Hoje são 175 discentes com algum tipo de deficiência que têm a oportunidade de estar cursando uma graduação.

As cotas, além de oportunizar o ingresso de pessoas com deficiência, impulsionaram o desenvolvimento de ações inclusivas dentro da universidade. “A política de inclusão não é só oportunizar o acesso à universidade, é fazer o acompanhamento desse estudante, dar qualidade, fazer as adequações necessárias, e a UERN avançou muito nesse quesito”, avalia a responsável pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), professora Ana Lúcia Aguiar. As obras de acessibilidade no Campus Central, a instalação de uma equipe multiprofissional para acompanhamento dos discentes com deficiência e o próprio trabalho contínuo da DAIN são exemplos desses avanços.

Inessa Linhares ressalta que o estudante é o elemento central da universidade, a sua razão de existir. Daí a preocupação constante em garantir um melhor atendimento às necessidades dos discentes, primando pela qualidade da formação acadêmica, bem como criar ações voltadas à inclusão e permanência estudantil no ensino superior, possibilitando que todos possam não apenas ter a oportunidade de ingressar na universidade, mas também permanecer nela com qualidade.

ID-UERN

Considerando a necessidade de ter embasamentos para uma sólida e eficiente rede de assistência estudantil, a universidade lançou neste ano o programa ID-UERN. Através de formulário de pesquisa, a instituição levantou informações sobre aspectos culturais, de moradia, trabalho e renda, familiares, saúde e qualidade de vida dos estudantes, a fim de conhecer o perfil socioeconômico e cultural da classe.

Erik Almeida, formado em Geografia

Na primeira edição, 7.219 estudantes responderam ao questionário do ID-UERN, disponível na Plataforma Íntegra; o dado corresponde a 84% dos discentes regularmente matriculados nos cursos de graduação no semestre 2016.2. As informações fornecidas vão servir de base para as políticas estudantis, direcionando investimentos de acordo com o interesse e a necessidade real dos estudantes.

"O próximo passo da análise dos dados será formação de uma comissão composta pelos setores transversais da universidade e o Diretório Central dos Estudantes (DCE), para a discussão destes resultados respeitando as especificidades de cada unidade acadêmica e campus avançado, estabelecendo assim uma política de assistência estudantil para o ano seguinte", explica o professor Adalberto Veronese, responsável pela Diretoria de Assuntos Estudantis (DAE).

Inessa Linhares, enfatiza que a proposta é que o ID-UERN seja realizado regularmente, a cada ano, para que a universidade possa ter sempre os dados atualizados. "O intuito é conhecer o real perfil dos discentes e elaborar e adequar as políticas assistenciais para o atendimento do alunado", frisa.

APOIO E INCENTIVO AOS ESTUDANTES

A Política de Assistência Estudantil da UERN trabalha em consonância com o Programa Nacional de Assistência Estudantil para as Instituições de Educação Superior Públicas Estaduais (PNAEST). Programas de auxílios, ampliação e melhorias das residências universitárias, aumento na oferta de estágios não obrigatórios, apoios a eventos, realização de jogos esportivos que promovam o intercâmbio entre os campi avançados são alguns exemplos.

Essas ações são de fundamental importância para que o perfil majoritário dos estudantes da UERN possa concluir a graduação com êxito. O estudante Erick Almeida Rodrigues de Souza é categórico em afirmar: "Sem os programas de assistência estudantil da UERN não teria concluído minha faculdade. Na verdade, não teria nem começado".

Erick Almeida Rodrigues de Souza ilustra bem o perfil do estudante da instituição apontado pelo ID-UERN. Natural de Monte Alegre, distante a 282 quilômetros de Mossoró,

ele cursou o ensino fundamental e médio integralmente em escola pública. Filho de agricultores, formou-se em Geografia no semestre 2016.2 e se orgulha em ser o primeiro membro de sua família a conquistar um diploma de graduado.

"Eu terminei o ensino médio e não tentei ingressar em uma faculdade de imediato, porque precisava trabalhar. Quatro anos depois, decidi que queria a graduação. Então, passei um ano estudando e consegui passar para o curso de Geografia da UERN", relata. Juntamente com a alegria da aprovação, veio a preocupação em onde morar em Mossoró para poder seguir no curso.

"Conhecia um amigo que morava na Residência Universitária. Então fui com ele à DAE e consegui ser selecionado para ser residente", diz. Erick Almeida conta que teve todo o apoio necessário da UERN para permanecer firme no seu objetivo. "Longe de casa e da família, a minha situação era bem difícil. Mas tive apoio psicológico da DAE, toda a assistência, o apoio dos professores e assim consegui concluir o curso. Certamente, sem a assistência estudantil não teria conseguido", declara.

Além da assistência estudantil, que visa assegurar a permanência do estudante, a universidade tem buscado promover, induzir, oferecer oportunidades diversas aos alunos, para que eles se sintam motivados no curso.

A estudante Louise Penélope, do curso de Comunicação Social – habilitação Radialismo, é natural

Louise Penélope avalia positivamente as ações de pesquisa e extensão da UERN

de Limoeiro do Norte e avalia positivamente as ações de pesquisa, extensão e iniciativas extracurriculares propiciadas pela instituição. "Para além do curso, está sendo uma experiência muito boa poder participar das atividades que a instituição oferece aos alunos. Tanto atividades vinculadas ao curso, como por exemplo o laboratório da UERN TV e atividades de extensão como o GRUTUM, Grupo de Teatro Universitário de Mossoró", diz.

De acordo com Inessa Linhares, há um desejo de buscar um constante aperfeiçoamento dos programas estudantis existentes e verificar se existem novas necessidades emergenciais em prol dos estudantes da universidade. Dentro desse contexto, o levantamento ID-UERN dará as orientações necessárias para otimizar as ações e melhorar cada vez mais a experiência acadêmicas dos discentes.

Sara Barroso, Esp. em Segurança do Trabalho.
Fotos: Fernando Nícolas

CHEGADA DE **NOVOS SERVIDORES** POSSIBILITA INOVAÇÕES E MELHORIAS

Além de professores efetivos em cursos que só contavam com docentes temporários, o certame permitiu a contratação de técnicos em funções inéditas

Seja coordenando projetos de pesquisa e extensão, seja desempenhando novas atividades administrativas, os 116 servidores contratados através do último concurso realizado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em 2016, têm contribuído para uma série de avanços na instituição. Mais do que o simples preenchimento de vagas decorrentes de aposentadorias e óbitos, as convocações têm possibilitado a implantação de novos sistemas e procedimentos e resultado em mais facilidades para técnicos, professores e alunos.

Uma das principais mudanças advindas pelo certame foi a contratação de professores efetivos para cursos que antes só contavam com docentes temporários: Letras no campus de Patu, Geografia em Assu e Ciência e Tecnologia em Natal. "Esses profissionais vão dar uma oxigenação à graduação e à pós-graduação. São pessoas que chegam com muito gás para dar a sua contribuição", destaca a pró-reitora de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis da UERN, Cicília Maia.

Ao contrário dos professores temporários, justifica Cicília, os efetivos podem se dedicar, além das disciplinas, às atividades de pesquisa e extensão, o que incrementa as ações desempenhadas pelos departamentos.

Outro efeito significativo do concurso, acrescenta, foi a convocação, desde janeiro deste ano, de profissionais cujas funções não integravam o quadro de técnicos da universidade, como analista de sistemas, psicólogo educacional e engenheiro de segurança do trabalho, os quais têm participado da implantação de novos sistemas e projetos na universidade. "O concurso veio para preencher

“O concurso veio para preencher lacunas históricas. A vinda desses profissionais vai contribuir para que as atividades aconteçam de forma muito mais rápida”

Cicília Maia, pró-reitora de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis

lacunas históricas. A vinda desses profissionais vai contribuir para que as atividades aconteçam de forma muito mais rápida”, enfatiza.

Ao todo, foram aprovados no concurso 76 professores e 40 técnicos, dos quais 11 são de nível médio e 29, de nível superior - todos já convocados. As 116 vagas são referentes a aposentadorias e óbitos de servidores. De acordo com a pró-reitora, a intenção da universidade é prorrogar a validade do concurso e possibilitar a contratação de técnicos e servidores, caso surjam novas vagas, até 2020.

CRESCER COM SEGURANÇA

Desde o início do ano, um dos efeitos mais expressivos da contração dos novos servidores é o avanço de medidas ligadas à segurança do trabalho. Conforme explica o assessor de obras da UERN, Osmídio Dantas, a universidade avançou consideravelmente nas áreas de ensino, pesquisa e extensão nos últimos anos, o que exigiu uma série de investimentos em infraestrutura para viabilizar novos projetos.

“Isso gerou uma demanda muito grande de serviços e a gente identificou essa necessidade na parte de segurança do trabalho, tanto para os servidores da universidade quanto para os funcionários terceirizados”, salienta. Segundo o assessor, a partir da contratação de um profissional nessa área, a UERN pôde identificar deficiências e projetar melhorias que se estendem a diversas áreas da instituição.

“Já existiam na universidade bons procedimentos de segurança. Mas é sempre importante a gente formalizar, normatizar esses detalhes pra gente ter tudo isso documentado e fazer o acompanhamento”, destaca a engenheira Sara Barroso, aprovada em primeiro lugar para o cargo. Graduada em Engenharia de Alimentos e especialista em Segurança do Trabalho, Sara entrou em exercício em janeiro deste ano e tem acompanhado as atividades realizadas tanto em Mossoró quanto nos campi localizados em outras cidades.

Conforme a engenheira, embora a segurança do trabalho costume ser associada diretamente à realização de obras, as atividades da função vão muito além desse segmento, envolvendo desde a fiscalização de contratos firmados pela universidade até aspectos gerais da rotina e da qualidade de vida dos servidores. “Assim, você abrange os técnicos, professores, terceirizados e, de forma indireta, os estudantes e o público em geral”, ilustra.

Outro avanço conquistado pela universidade através do concurso foi a contratação de analistas de

Wallace Medeiros, analista de sistemas

sistema que, distribuídos entre os campi da universidade, têm tornado mais eficientes os serviços ligados à tecnologia da informação. Desde janeiro, foram convocados cinco analistas, que hoje atuam nos campi de Mossoró, Assú, Patu, Pau dos Ferros e Natal. "Os setores estão cada vez mais informatizados e existem vários sistemas que integram os serviços da universidade. Tendo um profissional para cuidar disso nos campi e interagir com as realidades de cada local, você reduz as falhas e melhora a qualidade do serviço", destaca o diretor de Informatização da UERN, André Pedro Fernandes Neto.

Conforme André Pedro, além da manutenção dos sistemas já em funcionamento na universidade, os analistas também participarão da adoção de novas ferramentas pela universidade, as quais terão impacto direto sobre os serviços e atividades desenvolvidas na instituição.

Convocado para atuar em Mossoró, o analista Wallace Medeiros alegra-se com o fato de ter a UERN como sua primeira experiência profissional. Natural de Caicó e graduado em Ciências da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ainda se adapta às mudanças que teve de adotar na rotina após passar a morar em Mossoró. "Sua rotina fica mais complicada, mas você também aprende a valorizar mais o tempo. Só o fato de você ter a sua independência, já muda muito", afirma. Para Wallace, a chegada dos analistas irá aprimorar de forma significativa as atividades na instituição. "A universidade só tem a ganhar", resume.

MAIOR INTEGRAÇÃO

Outra área diretamente impactada pela convocação dos novos servidores foi o Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB), que passou a contar com cinco novos bibliotecários, distribuídos entre os campi de Mossoró, Caicó, Assú, Pau dos Ferros e Patu. Além de aperfeiçoar os serviços em cada uma das unidades, os novos servidores têm tornado mais forte a relação entre os campi.

"Nós tínhamos um conjunto de bibliotecas que eram supervisionadas, mas que não tinham um elo que fizesse com que o serviço e os procedimentos que fossem adotados na biblioteca central fossem adotados também nos campi avançados", aponta o diretor do SIB, Erison Natecio.

Quando havia a adoção de uma nova ferramenta no sistema integrado, exemplifica Erison, era necessário que o bibliotecário do Campus Central se deslocasse até os outros campi para realizar um treinamento junto aos outros servidores. "Hoje, a gente não precisa mais fazer dessa forma, porque lá já tem um profissional capacitado para isso", compara.

"É uma situação nova na universidade, que vai ser muito importante para essa padronização e, a partir disso, a biblioteca contribuir para o ensino, a pesquisa e a extensão", reforça a bibliotecária convocada para o Campus Central da UERN, Aline Araújo.

Ana Luiza Bezerra, professora de Geografia do Campus de Assú

CONCURSO PERMITE APROFUNDAR VÍNCULO COM A UERN

Já se passaram 13 anos, mas Ana Luiza Bezerra ainda lembra com facilidade o que usava no primeiro dia de aula do curso de Geografia da UERN, em maio de 2004 - "Uma blusa azul de babadinho, calça jeans, meu fichário azul bem grande, minha bolsa". Na parada de ônibus no bairro Abolição IV, em Mossoró, deixava transparecer ansiedade e entusiasmo quando ouviu uma alfinetada de outra estudante, que também aguardava o transporte até o Campus Central: "Vai cheia de coisa agora. Quero ver no último período, não vai levar nem uma folha".

À época, Ana Luiza não tinha uma resposta para aquele palpite indesejável, mas hoje a traz na ponta da língua e a carrega com orgulho junto aos ombros. "Agora é o contrário, eu ando é mais carregada", compara, apontando para a mochila que a acompanha cotidianamente e na qual guarda livros, planos para o futuro, aprendizados e muitas recordações após mais de uma década de dedicação ao curso que a atraiu na adolescência e até hoje a cativa.

A lembrança da chegada à universidade não permanece tão viva à toa. Afinal, aquele foi o primeiro encontro de uma relação cujos laços e o encantamento inicial só cresceram com o passar do tempo. Natural de Mossoró e professora efetiva do curso

“Se não fosse o concurso da UERN, facilmente eu teria desistido (...) Como era pra UERN, como era pra Assu, sobrava um fôlego”

Afirma Ana Luiza

de Geografia no Campus de Assú desde janeiro de 2017, Ana Luiza está entre os 76 docentes aprovados no concurso de 2016.

Marcada pelo forte apego ao curso, a trajetória até se tornar professora efetiva foi também permeada por imprevistos, distâncias, hiatos de espera e outras circunstâncias que, longe de diminuírem a beleza do caminho, enriqueceram o percurso de diversas formas.

Antes da escolha pela Geografia, era o mundo artístico que mais atraía Ana Luiza, sobretudo as artes cênicas. Como não havia curso relacionado em Mossoró e a família não podia sustentá-la em outra cidade, o pai da estudante sugeriu-lhe seguir a carreira de professora. “Ele me falou: ‘Você dá aula numa escola de manhã e depois pode passar a tarde toda dormindo. Só que essa parte de dormir a tarde toda nunca chegou”, destaca, entre risos.

O encantamento e a opção pela Geografia como um caminho para a docência se deveram, sobretudo, à forma como a disciplina associa estudos ligados à natureza a questões sociais. Foi essa característica do curso que fez com que Ana Luiza, ainda na metade da graduação, descobrisse a área a que mais se dedicaria no futuro: a climatologia.

Numa cidade onde o calor costuma incomodar até quem é habituado a temperaturas elevadas, Ana Luiza tem o conforto térmico como um dos principais focos de estudo. Mais uma vez, a família e o contexto em que estava inserida tiveram influência sobre as escolhas, ainda que de forma indireta. “Uma das inspirações foi meu pai, que é mototaxista nessa cidade ‘hiperquente’, que tem que comprar um protetor solar muito caro, que vai comprar uma camisa de proteção solar muito cara. Eu pensei também no meu avô, que foi agricultor”, ilustra.

Terminada a graduação, o vínculo com a UERN não se rompeu. Ao contrário, deu novo passo, com a contratação de Ana Luiza como professora substituta do curso de Geografia no Campus Central, em 2009. Embora tenha durado apenas seis meses, a experiência alimentou na geógrafa a certeza de que desejava continuar ligada à universidade e ao Rio Grande do Norte, sobretudo devido ao potencial que o estado apresenta para pesquisas na área do semiárido.

Essa aspiração permaneceu mesmo quando a distância se impôs como desafio. Em 2011, Ana Luiza foi aprovada para o mestrado da Universidade Federal do Espírito Santo e precisou se mudar para Vitória. Os mais de dois mil quilômetros que separam Mossoró da capital capixaba, entretanto, não a impediram de fazer sua dissertação de mestrado sobre o clima urbano da cidade potiguar, para onde precisou viajar diversas vezes.

NOVA PAIXÃO

Em 2014, um ano após terminar o mestrado, a geógrafa viu nova oportunidade de se aproximar da UERN, dessa vez como professora substituta

no em Assú - função à qual se dedicou por dois anos. Mais do que o estreitamento da relação com a universidade, a nova etapa trouxe a Ana Luiza um novo afeto. “Eu me apaixonei pelo Vale do Açu. É um muito especial, do ponto de vista econômico, cultural, dos seres humanos. Ali existe muita coisa pra fazer, estudar, entender”, ressalta.

O período como professora substituta trouxe também desafios que exigiram mais do que o entusiasmo pela profissão para ser superados. “As atividades do professor substituto se concentram oficialmente nas disciplinas, mas a vida de professor vai muito além. A gente se envolve com tarefas que não estavam na distribuição oficial, com pesquisa, com extensão, mesmo sem a obrigação”, explica. Na mesma época, Ana Luiza também teve de enfrentar a descoberta de um câncer que acomete sua avó, o que lhe demandou ainda mais tempo e esforço.

Quando foram abertas as inscrições para o concurso de 2016, o tempo era escasso e a rotina, desgastante. Todavia, se era grande o desafio, maior era a vontade. “Se não fosse o concurso da UERN, facilmente eu teria desistido. Mas eu ia estudando no hospital (onde a avó estava internada), ia estudando no caminho de Mossoró pra Assu, no intervalo entre as aulas. Como era pra UERN, como era pra Assu, sobrava um fôlego”.

O empenho foi recompensado não apenas com a aprovação, mas também com aprendizados que hoje influenciam tanto a atuação profissional quanto a vida pessoal de Ana Luiza. Um dos reflexos, destaca, é a maior sensibilidade em relação às dificuldades enfrentadas pelos alunos - desde a necessidade de conciliar faculdade, trabalho e demandas familiares até a falta de condições financeiras para frequentar o ambiente universitário.

“Cada um tem um tempo. E o seu contexto de vida fala muito do seu tempo. Um estudante

A professora foi aprovada no último concurso da UERN

trabalhador, por exemplo, é um guerreiro. Eu tenho alunas que são trabalhadoras, donas de casa, mães e estudantes. Eu tenho que ser sensível à vida dessa pessoa”, reforça.

Outra lição que Ana Luiza tenta transmitir aos alunos é que a própria vida tem seu ritmo, e que é preciso persistir mesmo diante dos insucessos. “Viver é um pacote completo. Quem gosta da vida gosta das coisas boas e das coisas não tão boas da vida. Não é sempre que a gente ganha , mas eu acabei ficando onde queria estar, depois das voltas que a vida deu”, relata.

Após alcançar o lugar que almejava desde a graduação, o desejo da professora é aprofundar a relação com o mundo acadêmico, contribuindo para a evolução da universidade. “Onde vou levo a bandeira da UERN, mas faço as críticas que são necessárias ao crescimento dela. Hoje, quero me aposentar nessa instituição e espero que ela permaneça pública, gratuita e de qualidade”, enfatiza.

Voluntário "Queirozinho" no Campus Central
Foto: Fernando Nícolas

Antônio Queiroz de Alcântara Neto é um motivo para ainda termos esperança na humanidade. "Queirozinho", como é carinhosamente chamado, não mede esforços para dizer um "sim" e faz de tudo para não dar um "não". Porta de sorrisos e solicitude que nos honra todas as manhãs com seu voluntarismo. É um símbolo de amor pela coisa pública.

ENTREVISTA COM O REITOR PEDRO FERNANDES

Neste ano contamos com a interação de vários jornalistas e blogueiros do estado, que enviaram suas perguntas ao reitor

O ano de 2017 não foi fácil para os servidores, alunos e a administração da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Assim como outros órgãos do estado, a UERN vem sofrendo com o atraso na folha de pagamento de seus servidores. Esse atraso atinge também os funcionários terceirizados, o que gerou paralisações, negociações e esforços para solucionar os problemas emergenciais.

Além da crise financeira, outros assuntos como insegurança, fixação de doutores, melhorias para os campi avançados, criação de novos cursos, concurso público e continuidade de obras, são respondidos pelo reitor Pedro Fernandes.

Para tornar essa entrevista mais interativa, contamos com a colaboração de jornalistas e blogueiros que atuam no Rio Grande do Norte. Nossos agradecimentos a todos.

Acompanhe a UERN através das redes sociais: */UERNoficial*

Emanoel Farias
De Olho no Assú

Breno Perrucci
TV Assembleia/Sindjorn

Carlos Santos
Blog Carlos Santos

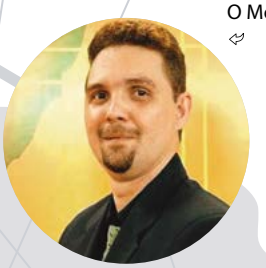
Alex Calixta
Comunicador Efectivo

César Santos
De Fato

Prof. Dr. Pedro Fernandes
Reitor

Lídia Pace
Intertv Cabugi

Márcio Costa
O Mossoroense



Moisés Albuquerque
TCM

Marcos Dantas
95FM/Caicó

Saulo Vale
Rádio Rural

Emanoel Farias - De Olho no Assú

Quais foram as dificuldades encontradas na sua gestão? E quais os avanços de hoje?

BANCO DE IMAGENS DA UNIVERSIDADE

Campus Central, Mossoró

A UERN é o maior patrimônio do Estado do Rio Grande do Norte. Ao mesmo tempo que, considerando essa afirmação, as dificuldades são inúmeras, do ponto de vista didático-científico, administrativo e financeiro.

Na questão didático-científica, assegurar ensino público, gratuito de qualidade em um estado, no Nordeste do Brasil, não é uma tarefa simples. Efetivar, capacitar e fixar servidores qualificados são constantes desafios, ainda mais quando ressaltamos a política de expansão do sistema de ensino superior federal e privado. Mesmo assim, a UERN tem hoje mais de 80% dos seus professores com doutorado e/ou mestrado e 84% de professores com Dedicação Exclusiva. Os técnicos administrativos, em sua totalidade, são concursados e possuem, além de uma carreira, uma política de capacitação. Porém, depois que conseguimos focar na fixação dos servidores, nos deparamos com decisões absurdas como uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, causando uma instabilidade emocional em mais de 100 servidores que desde o ano de 1994 têm estabilidade, respaldada por lei. Também tivemos que terceirizar os serviços de vigilância, motorista e serviços diversos, o que nos traz muitos transtornos, por conta das questões contratuais e de responsabilidade. Atualmente, vivemos os constantes atrasos salariais que, por si só, geram toda uma desmotivação e, consequentemente, pedidos de exoneração.

"A UERN tem hoje mais de 80% dos seus professores com doutorado e/ou mestrado"

No aspecto administrativo, temos uma estrutura descentralizada, composta pelo campus central e os campi avançados. Muitas situações seriam facilmente resolvidas se os trâmites burocráticos, os processos licitatórios e a contratação de serviços pudessem também ser descentralizados. Quantas vezes um processo que passou por todas suas etapas teve que ter mais uma, pois precisava da assinatura do reitor? Poderíamos aqui também colocar os entraves à verticalização da UERN, como denominamos a criação dos cursos de pós-graduação stricto sensu. Quando atingíamos todos os pré-requisitos para submissão da proposta, tínhamos que gerenciar a distribuição de carga horária, pois os docentes são lotados nos departamentos, e a criação de um curso de mestrado, via de regra, envolve professores e professoras de diferentes departamentos.

O aspecto financeiro, sem dúvidas, aparece como a maior dificuldade. Anualmente, na Lei de Diretrizes Orçamentárias e, em seguida, na Lei Orçamentária Anual tem o disposto para UERN. Os números ali colocados estão longe do ideal, ao mesmo tempo que são números reais e que toda comunidade se ajustou para aquela execução. O problema é que o financeiro

fica bem aquém do orçamento aprovado. Também não dispomos de instrumentos legais para exigir o cumprimento das leis citadas. Por isso que perseguimos a autonomia financeira, na qual trabalharemos com o duodécimo, o que nos dará condições de executar o que planejamos e nos comprometemos. Mais ainda, teremos condições de um planejamento de longo prazo, amparado no Plano Plurianual e no Plano Estadual de Educação, ambos leis estaduais. Quero destacar o Artigo 207 da Constituição Federal:
"As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão".

Márcio Costa - O Mossoroense

Vivemos um momento de recursos escassos e demandas crescentes. Como garantir uma fórmula que contemple o equilíbrio de gestão e garanta o desenvolvimento da UERN?

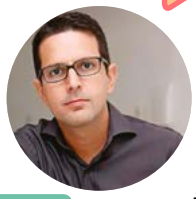
Definindo prioridades. Não adianta querer fazer tudo. A UERN teve que tomar decisões antipáticas, porém austeras.

Márcio Costa - O Mossoroense

Como reitor da UERN, como o senhor idealiza a instituição daqui a 20 anos? É possível ter uma visão otimista quanto ao futuro?

Muito otimista. Temos um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) aprovado. Sem dúvidas, em 20 anos, sobretudo os professores da educação básica terão a certeza de cursar o seu mestrado e doutorado no interior do Estado e/ou em Natal.

Moisés Albuquerque - TCM



Diante de um cenário de tanto desrespeito com o servidor por parte do Governo do Estado, o que a Reitoria tem feito para manter professores e técnicos estimulados no desempenho de suas funções na universidade?

Quem nunca escutou que servidor público não trabalha? Quem nunca presenciou uma comparação dizendo que se fosse no sistema privado isso não aconteceria, só acontece porque é no público? Isso não seria desrespeito? Pois é, isso tem se intensificado muito nos dias atuais de crise, onde a culpa parece que somente é do servidor público. Inicio a resposta com tais perguntas, pois a questão chega a ser histórica e hoje, que parece que o dinheiro acabou, somos os culpados.

No ano de 2015, tínhamos o orçamento aprovado em lei e fizemos todos os exercícios financeiros institucionais, visando ao cumprimento de um acordo com o Governo do Estado para reposição salarial. Chegamos a ter o aval positivo do consultor do Estado, à época, contudo, com a alegação do Estado extrapolar a Lei de Responsabilidade Fiscal, não obtivemos a reposição acordada. Isso tudo nos deixou indignados e, eu, em particular, fiquei decepcionado com aquele desfecho, pois, para além de todo trabalho que fizemos, representava uma comunidade que confiou naquele acordo. Aqui reitero que fizemos o acordo com o Estado e não com o Governo; então, embora tenha existido a mudança de governo, isso não inviabilizaria o acordo. Pois bem, essa indignação gerou a maior greve da UERN, estendendo-se durante cinco meses. Como resultado, os técnicos administrativos, em efetivo exercício, acataram a reposição em forma de auxílio, o que foi imediatamente submetido ao Legislativo e transformado em lei. Infelizmente, os docentes em efetivo exercício e os servidores inativos não conquistaram o auxílio.

No ano seguinte, o Governo do Estado atendeu uma demanda de anos que foi a oferta de refeições, com

preços subsidiados, no Campus Central, com a instalação de um restaurante popular. Demanda essa existente em todos os municípios do Rio Grande do Norte, e em Mossoró tinham demandas para outros locais. Esse foi o pontapé inicial, pois estamos em negociação para instalação do café do trabalhador e de restaurantes populares em todos os campi. Nesse mesmo ano, conseguimos realizar um concurso público em todas as áreas do conhecimento para docente e técnico administrativo. Também tivemos a doação do espaço onde funciona o ambulatório do curso de Medicina. Para além disso, continuamos com vários cursos em parceria com a Escola de Governo, e com várias secretarias do Estado.

"A autonomia financeira da UERN está aprovada nas leis do PPA, PEE e LOA"

Já nesse ano, conseguimos aprovar, na instância do Executivo, o plano de saúde. Porém, estamos todos com os salários atrasados e sem a reposição, nem da inflação. Aproveito para repetir, quando a UERN apareceu no último dia do cronograma de pagamento, já em atraso, não achamos justo, buscamos o Governo e reclamamos. Por isso, ou não, os pagamentos seguintes foram por faixa salarial, considerando todos os servidores estaduais, em efetivo exercício, aposentados e pensionistas.

Não posso nesse momento, mesmo sendo reitor, professor, exigir o pagamento preferencial da UERN, uma vez que nos propomos a ser uma instituição socialmente referenciada, com uma completa integração com os outros setores.

Existem tramitando no Governo do Estado os projetos dos Planos de Cargos, Carreira e Salários dos docentes e técnicos administrativos; o projeto de reposição salarial e, ainda este ano, queremos depositar o projeto de autonomia financeira. A autonomia financeira da UERN está aprovada nas leis do PPA, PEE e LOA.

Temos insistido no diálogo e avançado em questões históricas, como a desburocratização para concessão de Dedicação Exclusiva e a formalização da capacitação dos técnicos administrativos.

Moisés Albuquerque - TCM

Há vários anos se fala em autonomia financeira da universidade como forma de otimizar recursos e investimentos. A comunidade acadêmica pode ainda sonhar com essa conquista, ou precisa encarar a realidade imposta por sucessivos governos?

Eu acredito completamente na implantação da autonomia financeira. Dessa forma, transmito a toda comunidade essa minha confiança. Importante colocar que autonomia financeira não é soberania, pois continuaremos sob a luz das leis, especificamente a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Breno Perrucci - TV Assembleia/ Sindjorn

Caro reitor, qual a justificativa para a UERN não oferecer o curso de Jornalismo também em Natal ou em outros campi do Estado? Porque só em Mossoró?

Os últimos cursos criados pela UERN foram no ano de 2010. Quando assumimos em setembro do ano de 2013, trabalhamos no reconhecimento ou renovação de reconhecimento dos cursos existentes. Também tivemos a dura missão de seguir a determinação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em suspender as vagas de quinze cursos em onze municípios, onde funcionam os núcleos avançados de educação superior. No ano passado, conseguimos finalmente fazer concurso para os cursos que tinham sido criados em 2010. Resumidamente, justificamos

a prioridade de consolidar os cursos existentes.

Com a conclusão da obra do Campus Avançado de Natal, estamos focando na mudança, bem como na prospecção por novos cursos.

Breno Perrucci - TV Assembleia/ Sindjorn

Uma cidade do porte de Mossoró e com um mercado de comunicação tão em ebulição já merecia ter ao menos uma pós-graduação pública oferecida pela UERN. Existe alguma meta para que isso possa acontecer em um curto prazo?

Concordo plenamente. Hoje temos vários egressos do curso de Comunicação fazendo mestrado em Ciências Sociais e Humanas da UERN, como em outras IES. Para criação de uma pós-graduação lato sensu, nível especialização, o corpo docente tem total autonomia para propor e, em sendo aprovado nos conselhos, o curso já pode entrar em vigor. Já uma pós-graduação stricto sensu, níveis mestrado e/ou doutorado, tem que ter a recomendação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Essa recomendação avalia a proposta enviada pela instituição, considerando qualificação docente, produção acadêmica, experiência de ensino, pesquisa e extensão. Nos últimos dez anos, tivemos a aprovação de 22 mestrados e/ou doutorados em várias áreas do conhecimento.

BANCO DE IMAGENS DA UNIVERSIDADE

Campus Avançado de Natal
Obra está concluída

"Com a conclusão da obra do Campus Avançado de Natal, estamos focando na mudança"

Carlos Santos - Blog Carlos Santos

A política do governo federal nos últimos anos ensejou denso investimento no ensino superior, pulverizando vários cursos que, passados alguns anos, parecem esvaziados. Esse fenômeno ocorre também na UERN. Como sua gestão trata isso?

A evasão e a retenção são realmente desafios que as instituições têm enfrentado. Não associaria ao denso investimento do governo federal, por conseguinte a expansão. Vejamos, Natal, capital do estado, destaca-se no cenário turístico, contudo os cursos de Turismo da UFRN e da UERN possuem uma grande evasão. Esses cursos antecedem o REUNI. Muitas variáveis devem ser consideradas. O próprio comportamento humano com o advento e fácil acesso à internet, pois numa sala de aula, o docente tem se esforçado cada vez mais para manter um estudante concentrado.
A forma de ingresso na universidade pública em nosso Estado se dá exclusivamente pelo ENEM/SISU. Nesse sistema, o candidato possui uma pontuação, e dentre os cursos ofertados, escolhe muitas vezes aquele que consegue entrar, descartando qualquer aptidão. O ensino superior privado se expandiu bastante, o que tem aumentado consideravelmente o leque de opções, em contrapartida a facilidade no abandono do curso.

"Essa visão de que a UERN é um 'peso' se trata de um pensamento equivocado"

Induzir atividades de extensão, pesquisa e empreendedorismo são ações que motivam o estudante, por conseguinte contribuem para sua permanência na universidade.

Carlos Santos - Blog Carlos Santos

Particularmente acho que a UERN e seus segmentos se comunicam mal, principalmente além dos limites de Mossoró e na capital. Daí, vejo, como até "natural" a pregação por sua privatização ou federalização como se fosse um sobrepeso para o erário estadual. Como desmitificar isso? O que a UERN tem feito para provar aos incrédulos que é importante e imprescindível?

Essa visão de que a UERN é um "peso" se trata de um pensamento equivocado de pessoas que não conhecem a universidade e o seu papel social. A UERN tem suas ações focadas no interior do Estado, mas também está presente em Natal com o campus e o Complexo Cultural na Zona Norte. Temos estimulado nossos professores, estudantes e técnicos a divulgar tudo que a UERN tem de melhor. Além disso, temos na nossa agência de comunicação uma equipe multimídia de profissionais qualificados que estão atuando nas redes socais, audiovisual e em um site reformulado e mais interativo. Ainda temos a UERN TV que produz conteúdo de qualidade transmitido nacionalmente no Canal Futura e estamos próximos de tornar o sonho da FM Universitária uma realidade.

BANCO DE IMAGENS DA UNIVERSIDADE

UERN TV, programa Tela Rural
Programa Tela Rural é transmitido nacionalmente

Saulo Vale - Rádio Rural

Este ano, relatos de alunos e furto de equipamentos da UERN TV revelaram um cenário de insegurança dentro dos campi da universidade. O que a gestão tem feito para reverter esse quadro?

A UERN não é uma ilha nesse cenário de insegurança que assola o país. Temos discutido soluções com a comunidade acadêmica para essa área. Não é uma coisa fácil de resolver, mas temos mantido uma equipe de vigilantes preparados para proteger a comunidade e o patrimônio, além de buscado parcerias com as Polícias Militar e Civil.

Saulo Vale - Rádio Rural

Integrantes da Associação Brasileira de Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM) têm discutido alternativas à preocupante crise nas instituições públicas de ensino superior. Na sua opinião, qual o caminho que as universidades estaduais devem seguir, em

comum, para amenizar os efeitos da crise?

O caminho é a autonomia financeira das universidades estaduais. Estamos fazendo a nossa parte aqui na UERN. Avançamos no projeto de autonomia financeira, conseguindo aprovar em três leis estaduais metas para a implantação da autonomia financeira em 2017. Vale lembrar que o Governo Federal tem o PROUNI e o FIES que fortalecem as universidades particulares e o REUNI as federais. Precisamos ter uma ação dessas também para as estaduais e municipais, que são responsáveis por 40% dos alunos matriculados no ensino superior público brasileiro.

Marcos Dantas - 95FM/Caicó

Sobre o Campus Avançado de Caicó, havia duas frentes de obras em andamento, referentes à reestruturação da rede elétrica, reforma e drenagem, financiadas por recursos de emendas parlamentares dos deputados Mineiro e Álvaro Dias. Como estão essas obras, o que já foi concluído e quais os prazos para finalização das demais etapas restantes?

A obra da reestruturação da rede elétrica já foi concluída, com a instalação de um transformador de 225 kva, rede de entrada de energia elétrica e postes com iluminação para a área interna do campus. Já a obra de melhorias e drenagem, executamos por enquanto a mudança e instalação de novo portão do acesso principal ao campus e alguns serviços topográficos para drenagem.

Foi executado menos de 20% da obra. Esse contrato encontra-se paralisado, aguardando liberação de repasses para retomada dos serviços.

Lídia Pace - Intertv Cabugi

A abertura de novos cursos no campus da ZN e a ampliação de recursos para pesquisa para os já existentes estão nos planos do senhor?

Sim. A equipe do professor Francisco Dantas, diretor do Campus Avançado de Natal, está empenhada na preparação de projetos pedagógicos para criação de novos cursos. Importante frisar que existe todo o empenho para otimização do corpo docente existente, sem a necessidade de contratação. Vamos reforçar em Natal a nossa vocação para formar professores, promovendo o desenvolvimento socioeducacional na Zona Norte.

César Santos - De Fato

Reitor Pedro Fernandes, é inegável o desempenho gigantesco da UERN na área do ensino, com a formação de mais de 40 mil alunos em sua história, e na extensão com a sua capilaridade social, estando presente em quase todo o Rio Grande do Norte; porém, parece incipiente na pesquisa. A instituição precisa produzir ciência, conhecimento novo, e isso a UERN tem feito muito pouco. Como a sua gestão projeta avançar na pesquisa?

A pesquisa tem avançado nos últimos anos na UERN. Hoje, são 22 cursos de mestrado e doutorado, em 2007 não tínhamos nenhum. Os primeiros cursos de doutorado foram Letras no Campus em Pau dos Ferros e Bioquímica e Biologia Molecular, na FACS. Na inovação tecnológica, saltamos de três patentes em 2013 para 23 em 2016. O nosso portal de periódicos atualmente hospeda 17 revistas científicas todas vinculadas aos cursos de graduação e

pós-graduação. Além disso, temos a regulamentação e acompanhamento dos grupos de pesquisa. 127 artigos foram publicados em 2016, bem como dobramos de 3 para 6 a quantidade de bolsistas de produtividade. PIBIC, PIBITI e PIBIC-EM são ações crescentes. De 2009 até 2017, conseguimos aprovação em todos os CT-INFRA/FINEP, totalizando mais de R$ 14 milhões em investimentos federais. O Pró-equipamentos/CAPES é outro edital que temos tido sucesso, com aprovação total de R$ 2 milhões. Só de bolsas de mestrado/doutorado e residências médica e multiprofissional contabilizamos um investimento anual de R$ 3,5 milhões.

BANCO DE IMAGENS DA UNIVERSIDADE

Comissão do Conselho Estadual de Educação UERN passa pelo processo de recredenciamento

César Santos - De Fato

É evidente que para produzir ciência a instituição precisa de doutores. A UERN enfrenta uma situação bem delicada. Com os salários "congelados" há mais de quatro anos e sem perspectiva de reajuste, em virtude da fragilidade financeira do Estado, parece inevitável a saída de doutores para outras instituições, que oferecem melhores condições salariais. Como é possível a instituição enfrentar o problema para inibir a perda de quadros que, reconheça-se, já é bem frágil em quantidade de doutores?

Nós temos feito o possível para fortalecer a política de fixação de servidores na UERN, incluindo os doutores. Antes da fixação, porém, uma política de capacitação docente se intensificou desde o ano de 2000, aproximadamente. Postura institucional adotada que hoje facilita a fixação, uma vez que a maioria dos docentes foram capacitados pela UERN e possuem naturalidade onde atua. Hoje tornamos mais flexível a concessão de Dedicação Exclusiva; temos ampliado as atividades de pesquisa e extensão, assegurando carga horária. Do total de 794 docentes, 581 estão com DE. Hoje, temos a maioria dos 355 mestres encaminhando o doutoramento e outros 342 doutores.

Alex Calixta - Comunicador Efectivo

Desde sua fundação, o campus de Patu só teve um aumento no número de cursos, que foi a vinda do curso de Letras. Há uma possibilidade da vinda de outro ou outros cursos para o campus?

Temos uma grande preocupação em aumentar as ofertas de cursos. A qualidade precisa ser priorizada. Por isso, durante nossa gestão, 2013-2017, não criamos nenhum curso de graduação, em nenhum campus. Focamos no reconhecimento e na renovação do reconhecimento dos cursos existentes. Em agosto deste ano, iniciamos o processo de recredenciamento da UERN. Paralelo a isso, realizamos o concurso público para atender as demandas existentes, como no caso

do curso de Letras que não possuía nenhum professor efetivo.

"Nós temos feito o possível para fortalecer a política de fixação de servidores na UERN"

Em agosto deste ano, a biblioteca do campus foi totalmente climatizada, contando agora com cinco centrais de ar condicionado. O espaço também conta, desde o início do semestre, com novas mesas e cadeiras para criar mais espaços de estudo e aumentar o conforto dos estudantes e professores.

Alex Calixta - Comunicador Efectivo

Há um projeto de facilitar o acesso dos estudantes não residentes em Patu no tocante à moradia e assistência?

Sim, temos. Já contamos com uma residência feminina com 16 leitos e num curto prazo teremos a residência masculina com o mesmo quantitativo de vagas. Importante frisar que iniciamos a expansão das residências e que desde o ano de 2016, estamos buscando a locação do imóvel, que por questões burocráticas ainda não se concretizou. Temos ainda o auxílio PAE (Programa de Assistência Estudantil) e auxílio-alimentação.

Marcos Dantas - 95FM/Caicó

O que a administração do atual reitor planeja em relação à expansão do ensino superior no Seridó?

Devemos perseguir a retomada e conclusão da obra que fica junto ao Hospital do Seridó. Em 2013, inserimos esta demanda no Proinvest, empréstimo que o Governo Estadual tinha com o Banco do Brasil, porém, o Banco não aceitou a alteração. Também fomos à FUNASA na tentativa do desmembramento do terreno, visando conseguir a escritura pública e, por conseguinte, convênios.

Uma outra frente é a destinação de orçamento do tesouro estadual. Concomitante ao que foi supracitado, numa luta da comunidade acadêmica que passou também por uma articulação, envolvendo o Governo do Estado e a Prefeitura, conseguimos a doação de um espaço que hoje funciona o campus e que estamos buscando convênios e destinando orçamento para ampliação das salas reformadas, espaços de convivência e a biblioteca. Em seguida, assegurar instrumentos para prática de esportes e um auditório. Temos ainda as clínicas odontológicas que precisam ser reformadas.

"Nosso maior desafio é tornar a UERN ainda mais socialmente referenciada"

No que diz respeito à parte acadêmica, estamos trabalhando em propostas de mestrado, duas especificamente: Odontologia e Ensino, este segundo em parceria com a UFRN. Em 2017 iniciamos o Mestrado Profissional em Filosofia. Houve a ampliação de vagas para os cursos de graduação existentes. Novos cursos de graduação serão demandados pela comunidade para, após apreciação dos colegiados serem implantados.

Lídia Pace - Intertv Cabugi

O senhor foi reeleito reitor este ano. Quais os maiores desafios de uma nova gestão, e quais serão os setores e ações que terão prioridade em um curto espaço de tempo?

Nosso maior desafio é tornar a UERN ainda mais socialmente referenciada, participando ativamente da educação básica, seja na formação de professores, ou na criação de escolas de aplicação. Atuando nas políticas públicas como agente transformador, na saúde, na segurança, na inclusão, na cultura, no esporte, no cuidado ao meio ambiente, e na inovação tecnológica.

Carlitos Lucas faz artes nos muros da Faculdade de Educação, Mossoró. Fotos: Fernando Nícolas

POR ONDE FOR, **ESPALHE BELEZA**

O colorido dos murais da Faculdade de Educação

O artista Carlitos Lucas segue à risca o conselho da avó que o criou: "Por onde passar, tente deixar o local mais bonito". Aluno do 4º período de Pedagogia, do Campus Central, Carlitos é o autor dos murais que embelezam os blocos da Faculdade de Educação (FE), pintados em julho de 2017.

O talento para as artes, descoberto aos 10 anos, brota através de várias expressões: dança, teatro, literatura de cordel e artes plásticas. "Em casa não tinha influência direta, mas no meu bairro, o Bom Jardim, que sempre teve carnavais, desde muito cedo eu já fazia arte", lembra Carlitos.

Aluno de escola pública, Carlitos diz que começou os estudos com certo atraso. Hoje, aos 29 anos, se inspira no educador Paulo Freire. "Gosto muito da Pedagogia do Oprimido. Vou me tornar Pedagogo para trabalhar com crianças, elas vão refletir sobre a minha arte, vão aprendendo e passando aos outros", idealiza.

Além dos murais que chamam a atenção de quem passa pelo Campus Central, numa sala de aula tulipas gigantes são 'cultivadas' nas paredes. As cores se mesclam e enchem de encantamento os olhos de alunos, técnicos e professores. A beleza contagia. Estudantes de outros períodos já querem que suas salas também sejam pintadas.

No pátio da Faculdade, num cantinho próximo ao pilar do prédio, surge a "Baldeoteca" – outra ideia de Carlitos, executada com a reciclagem dos baldes de tinta utilizados na pintura dos murais. Nesses lugares, estão dispostos livros, jogos de dama, lápis de cor e desenhos.

A ideia de pintar os murais da Faculdade de Educação surgiu quando Carlitos estava cursando o segundo período. "Uma das grandes incentivadoras foi a professora Ana Lúcia Aguiar. Faço um trabalho de teatro nas escolas e ela pediu que eu trouxesse as peças para a Faculdade, para que o ambiente tivesse mais arte. Segui esse conselho. Falei com Auxiliadora, que me deu todo o aval", afirmou Carlitos.

A professora Maria Auxiliadora, diretora da Faculdade de Educação, comenta que vários colegas de outras unidades já perguntaram sobre a iniciativa. "Estamos tendo uma aceitação muito grande. As pessoas vêm aqui para fazer fotos e postam em suas redes sociais, com certeza é uma ideia que vai ser reproduzida", comenta Auxiliadora, ressaltando que a iniciativa de fazer

os murais partiu de Carlitos e de um grupo de alunos. “Eles nos procuraram para fazer atividades de pintura. Tentamos conseguir os recursos e fomos vendo que eram coisas simples, como conseguir tinta e pincel, pois eles já tinham alguns materiais. Acho que a motivação dos alunos parte desse trabalho que já tinha começado aqui, das mesinhas com mosaico”, destaca Auxiliadora.

Profª Maria Auxiliadora incentiva as artes na Faculdade de Educação

A repercussão surpreendeu o artista. “Já pintava nas escolas estaduais e municipais, a repercussão já era muito boa, mas não imaginava que aqui na universidade fosse ainda maior”, afirma Carlitos, que já recebeu convite para fazer outros trabalhos semelhantes. Cada painel foi pintado em média em um dia. Carlitos usou tinta plástica, pincel e aerógrafo. O artista também faz trabalhos em órgãos públicos e empresas.

TRÊS GRANDES PAINÉIS

O primeiro painel é baseado no clima da região potiguar. Uma pintura mais realista utilizada para expressar a cultura nordestina. A frase de destaque traz a mensagem: “Educação é tudo”.

Já o segundo painel, com as cores do mar, traz traços expressionistas e foi idealizado com o intuito de passar uma mensagem de impacto: “A educação é um mar de conhecimento”.

O último painel é uma homenagem à arte urbana e ao grafite. A concepção é baseada nos grandes centros urbanos, com atributos artísticos multicoloridos.

Campus de Natal está localizado na Zona Norte

CAMPUS DE NATAL FAZ 15 ANOS E **PLANEJA O FUTURO**

Ilana Albuquerque - Foto: Priscila Kruger

A previsão é de que até o fim do ano, o novo prédio do Campus de Natal seja entregue

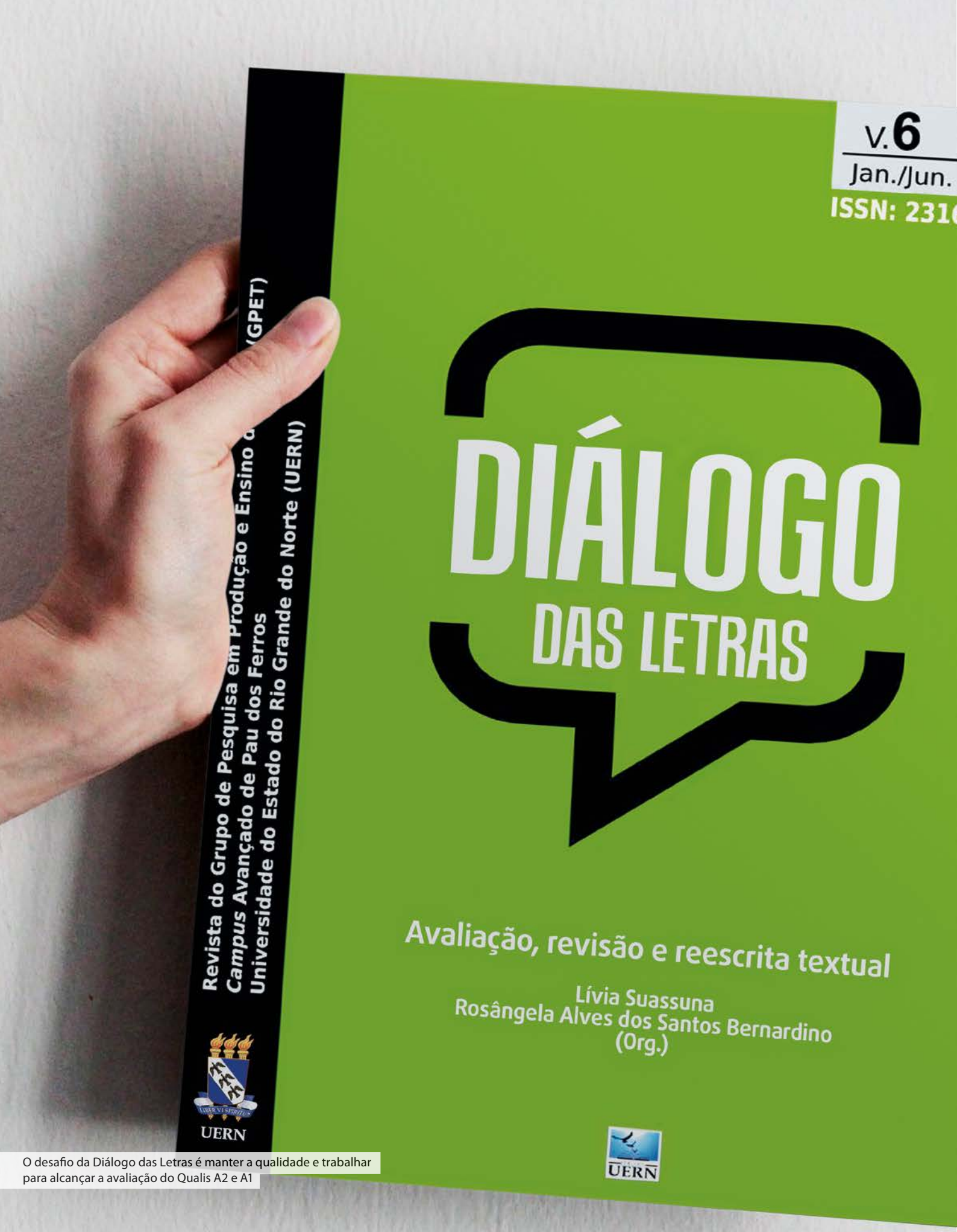
Em 2017, o Campus de Natal debuta e receberá um "presente" digno de seus 15 anos, já pensando na "maioridade". A metáfora é do diretor do CaN, Prof. Dr. Francisco Dantas, comemorando a entrega do prédio da sede própria da unidade, prevista para este ano. A obra está em fase final, aguardando apenas a instalação dos elevadores, portões, central de ar e mobília para receber os cinco cursos de graduação do campus. O prédio próprio é um sonho antigo da comunidade UERNiana na capital e vai impulsionar as atividades de graduação e extensão, bem como propiciar o início de um programa de pós-graduação.

A UERN chegou a Natal em 2002, com o propósito de ser a universidade pública da zona Norte, área populosa e carente de serviços em todas as áreas. Depois de alguns anos funcionando na zona Sul, por falta de estrutura física para abrigá-lo, o Campus de Natal voltou para "o outro lado do rio", instalando-se no Complexo Cultural e se aproximando ainda mais da comunidade. "Nosso Complexo Cultural atua como o braço da universidade na comunidade. Temos crianças crescendo aqui dentro, através das várias modalidades esportivas e atividade culturais que o CCUERN oferece. Desenvolvemos um papel determinante na qualidade de vida das pessoas, através da

inclusão social e digital, bem como pelo incentivo à prática de esportes", conta o professor Francisco Dantas, lembrando que só há Complexo Cultural porque antes chegou o Campus de Natal. Francisco Dantas ressalta a importância dos ex-reitores Walter Fonseca e Milton Marques para essas conquistas, bem como a do atual magnífico, Pedro Fernandes, para o presente e o futuro da UERN em Natal.

Com o novo prédio, a comunidade acadêmica já pensa em expandir a graduação, que tem hoje cinco cursos (Direito, Ciência da Computação, Ciência & Tecnologia, Turismo e Ciências da Religião). "Vislumbramos a ampliação com licenciaturas, como Pedagogia, Letras e Filosofia, além de um curso de formação de tecnólogo em Gestão Pública, que além de contribuir para a qualificação de servidores públicos, também vai nos ajudar a abraçar o empreendedorismo, para o fomento da economia criativa, com um projeto em construção de uma incubadora de serviços dentro do Complexo. Queremos atuar para empoderar as pessoas e torná-las empreendedoras", conta Francisco, explicando que a falta de preparo é a principal causa de "quebra" de pequenos negócios na zona Norte da capital, segundo o Sebrae/RN, que quer ser parceiro da UERN nesse projeto.

O diretor do campus antecipa que o projeto de pós-graduação em Natal é para mestrados profissionais, cursos que, ao contrário dos stricto sensu acadêmicos, têm o objetivo de capacitar e reciclar profissionais para atuação no mercado de trabalho.



O desafio da Diálogo das Letras é manter a qualidade e trabalhar para alcançar a avaliação do Qualis A2 e A1

DIÁLOGO DAS LETRAS ESTIMULA A **PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Periódico do Campus de Pau dos Ferros está em sua 11ª edição e se destaca na avaliação da Capes

Fruto de um grupo de pesquisa de Pau dos Ferros, a revista Diálogo das Letras, do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), destaca-se no cenário nacional por seu elevado índice de qualidade. A publicação do interior do Rio Grande do Norte se configura hoje como uma das principais referências na área de produção e ensino de texto.

Em cinco anos de existência, a Diálogo das Letras está entre as avaliações mais elevadas da qualificação nacional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na última avaliação quadrienal do Qualis/CAPES 2013-2016, o periódico obteve Qualis B1 na área de Letras/Linguística, B1 em Educação e B1 na área de Ensino, além de B4 na área de Ciência Política e Relações Internacionais.

Para se ter uma ideia, somente onze publicações no Nordeste têm Qualis B1 na área de Letras, sendo seis de universidades federais, quatro de estaduais e uma vinculada a uma associação. No Rio Grande do Norte, além da Diálogo das Letras, apenas Revista do GELNE, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ostenta semelhante título de qualificação. “Vale ressaltar que a revista da UFRN foi fundada em 1999 e é B1 apenas em Letras. A maior parte das revistas da região também já tem alguns anos de existência e é B1 só em Letras”, frisa o editor-presidente da Diálogo das Letras, o professor Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa.

Professores do Campus de Pau dos Ferros comemoram avaliação da revista. Fotos: Fernando Nícolas

O crescimento acelerado do periódico da UERN na avaliação da CAPES surpreendeu até mesmo seus idealizadores. "Pensar que um periódico do interior de um estado pobre, como o Rio Grande do Norte, pudesse, em tão pouco tempo, atingir o Qualis B1 era impossível há alguns anos. E hoje, para nossa surpresa e satisfação, nós temos uma revista, a Diálogo das Letras, que é B1 em três áreas do conhecimento", diz, orgulhoso, o professor Dr. Gilton Sampaio, vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL).

Para Cezinaldo Rocha, o salto positivo na avaliação da Diálogo das Letras se deve à regularidade e à qualidade técnica da publicação. Os textos são avaliados por um grupo de pareceristas renomados passando por rigorosos critérios de seleção. São avaliadas questões como ineditismo, coerência com a temática do número da revista, consistência teórico-metodológica, relevância para a área, pertinência da bibliografia, correção textual e gramatical e adequação a normas de apresentação de trabalhos acadêmicos.

O zelo com o padrão técnico é uma característica que acompanha a Diálogo das Letras desde a sua concepção. A revista, segundo o professor Gilton Sampaio, foi criada pensando em atender os critérios de avaliação da Capes. "A revista sempre esteve um passo à frente das normas nacionais. A maior parte dos pesquisadores que publicam na revista é de fora e há um cuidado extremo com os textos a serem publicados", revela. Cezinaldo Rocha avalia que o primor com que é desenvolvida a revista fez com

Cezinaldo Rocha, editor da Revista

“Tomando como exemplo a ascensão quantitativa e qualitativa da Diálogo das Letras, os pesquisadores da região passaram a tomar a iniciativa e ver que a pesquisa no interior dá certo”

que ela chegasse ao topo do qualis nacional. “Os pesquisadores querem publicar na Diálogo das Letras”, diz.

Além da Editoria Executiva, constituída por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET) e colaboradores de outros grupos de pesquisa, a revista Diálogo das Letras conta com um Conselho Consultivo formado por pesquisadores doutores de diversas instituições de ensino superior do Brasil e de outros países, como Argentina e França. “O trabalho conjunto e compromissado assegura a qualidade técnica do produto”, avalia a professora Maria Zenaide. Somente na última publicação, mais de 290 pessoas estiveram envolvidas diretamente na produção da revista.

O professor Marcos Nonato de Oliveira, colaborador da revista, também atribui ao esforço coletivo a ascensão qualitativa da Diálogo das Letras. “É um trabalho árduo, há um esforço sistemático e bem pontual no sentido de levar um trabalho a sério, sobretudo, no quesito de rigor científico e qualidade do texto”, avalia. A professora Rosângela Alves dos Santos Bernardino avalia que a Diálogo das Letras é um excelente espaço para mostrar o trabalho, uma vez que possibilita a interação com pessoas de outras universidades.

Devido ao alto conceito do periódico, hoje ele está em 20 indexadores nacionais e internacionais. “A visibilidade da revista dá visibilidade ao grupo de pesquisa, ao campus e à UERN. Isso é muito importante”, avalia José Cezinaldo. Para o diretor do CAMEAM, professor Me. José Jailson dos Santos, a avaliação positiva do periódico aumenta a autoestima do curso, do campus e da universidade, além de estimular a pesquisa dentro da instituição. Agora, o desafio da Diálogo das Letras é manter a qualidade e trabalhar para alcançar a avaliação Qualis A2 e A1.

Jailson dos Santos avalia que a Diálogo das Letras é a maior expressão do desenvolvimento da pesquisa na unidade. “Foi uma revista que nasceu com uma pesquisa da região e hoje é uma revista com qualificação referência a nível nacional. Apesar de todas as dificuldades de fazer pesquisa no estado, temos uma revista muito bem avaliada. Isso nos coloca em pé de igualdade com pesquisadores dos grandes centros, além de possibilitar um amadurecimento na pesquisa na região”.

INCENTIVO À PESQUISA

A revista Diálogo das Letras está vinculada ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), do Departamento de Letras do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM/UERN), em Pau dos Ferros. Ela surgiu com o propósito de incentivar os alunos de iniciação científica a produzir. Tanto que no primeiro número da revista havia uma seção para pesquisadores e outra voltada para alunos de graduação, como lembra o professor Cezinaldo.

Como agente de fomento à produção científica na região, a Diálogo das Letras tem cumprido, com louvor, o papel para o qual foi imcumbida. Hoje a revista serve de inspiração para periódicos e publicações. "Tomando como exemplo a ascensão quantitativa e qualitativa da Diálogo das Letras, os pesquisadores da região passaram a tomar a iniciativa e ver que a pesquisa no interior dá certo", pondera Cezinaldo Rocha. Periódicos, como por exemplo a Geotemas, começam a espelhar a experiência da Diálogo das Letras como um caminho na UERN para incentivar a pesquisa e divulgar a produção científica da universidade.

O professor Gilton Sampaio avalia que a Diálogo das Letras é um projeto bem-sucedido no CAMEAM, com foco na produção e ensino de texto. E sua veloz evolução tem desencadeado um fortalecimento nesse eixo que compõe o tripé da formação universitária. Atualmente, são 22 grupos de pesquisa, somente no CAMEAM, com direito a um bloco específico para eles. "O GPET, grupo ao qual a publicação está vinculada, é hoje o grupo de maior influência na área de letras da região", frisa Gilton Sampaio.

O fortalecimento da pesquisa na unidade teve um salto em 2008, com a criação do primeiro mestrado na área de estudo de texto do discurso. O amadurecimento na pesquisa e o

Campus de Pau dos Ferros fortalece o desenvolvimento científico

crescimento na área possibilitou ao Campus a captação de recursos através de projetos. "A biblioteca foi fruto de um projeto de pesquisa. Com a conclusão da obra, poderemos potencializar ainda mais a produção científica, tanto na graduação, pesquisa e pós-graduação do Campus", diz Jailson dos Santos.

A expansão na pesquisa visualizada em Pau dos Ferros se estendeu aos demais campi da UERN. De acordo com o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, professor Dr. João Maria Soares, são 114 grupos de pesquisa produzindo conhecimento científico dentro da universidade.

Para ele, periódicos, especialmente os bem avaliados pela Capes, estimulam e elevam a qualidade do grupo de pesquisa. Segundo ele, forma-se um ciclo virtuoso: quanto mais qualificado o periódico, mais ele atrai publicações de impacto e visibilidade. "Isso estimula publicações de graduação e pós-graduação de bons trabalhos, e mais trabalhos publicados é mais qualificação. Esse ciclo estimula os pesquisadores a produzir mais e com mais qualidade".

PERIÓDICOS

O Portal de Periódicos da UERN hospeda 17 revistas/periódicos através de Sistema Eletrônico de Editoração de Revista (SEER), todas vinculadas aos cursos de graduação e pós-graduação da instituição, bem como grupos de pesquisa e extensão. Para estimular essa produção, a Propeg conta com o setor de periódicos e editoração, responsável por manter o portal e orientar a criação e o fortalecimento das publicações existentes.

Os periódicos são espaços fundamentais para os pesquisadores apresentarem o resultado de suas pesquisas através de grupo de trabalho e programas de pós-graduação.

Conforme o titular da Propeg, o professor João Maria, a UERN tem seis revistas com avaliação nos estratos B1-B5 da Capes. Ademais, os artigos publicados nos periódicos da Universidade têm um alcance de público bastante significativo.

No ano passado, por exemplo, o portal de periódicos teve 34 mil acessos. “Considerando que foram publicados 127 artigos, temos uma média de 270 acessos por artigo/ano”, observa João Maria.

O titular da Propeg revela que, para ampliar a visibilidade dos acessos e citações dos artigos, é ofertado aos editores o Digital Object Identifier System (DOI). Além disso, a UERN integra a rede CAFe - Comunidade Acadêmica Federal que possibilita o acesso ao portal de periódicos da Capes.

DIÁLOGO DAS LETRAS

A Diálogo das Letras surgiu em 2012 e logo em sua primeira edição recebeu um quantitativo expressivo de textos de pesquisadores, professores e alunos de graduação. O periódico está em sua 11ª edição, é editado em formato eletrônico e de publicação semestral. Ao longo de cinco anos, foram 178 textos e 167 artigos publicados.

O objetivo da revista é publicar textos originais e inéditos resultantes de pesquisa e de trabalhos acadêmicos vinculados à temática da produção e ensino do texto, observando uma articulação com as linhas de pesquisa: Estudos da produção, organização e funcionalidade do texto e Estudos de processos argumentativos, do GPET, e com a linha de pesquisa: Texto, ensino e construção de sentidos, do Mestrado em Letras da UERN.

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO NA UERN

114 grupos de pesquisa

20 mestrados

2 doutorados

19 especializações

3 residências em Saúde

17 revistas/periódicos

FESTUERN

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O CONHECIMENTO EM PROL DA COMUNIDADE

Luziária Machado - Foto: Priscila Kruger

Nos últimos quatro anos, a UERN focou na qualificação dos projetos e na regulamentação da extensão que promove a interação transformadora entre universidade e a sociedade

Hoje, um dos desafios das universidades públicas é serem compreendidas como necessárias. A extensão é o meio mais humano, eficiente e completo de mostrar à sociedade a relevância das universidades públicas.

A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. A extensão se constitui em política de formação necessária ao processo de consolidação do conhecimento como práxis,

Etevaldo Almeida, pró-reitor de extensão

democrático e plural de todos que dela participam.

A UERN, fundamentada nos princípios nacionais da Política de Extensão tem investido na consolidação de uma política de valorização e qualificação da atividade extensionista. Segundo a diretora de extensão da UERN, professora Mayra Ribeiro, a extensão é "elemento de transformação do ensino e da pesquisa, com uma discussão do ensino referenciada nas demandas da sociedade e uma pesquisa que realmente dê um retorno e não fique somente nos muros na academia".

Com este entendimento, nos últimos quatro anos, a UERN focou na qualificação dos projetos e na regulamentação da extensão, a qual hoje está em perfeita consonância com as mais modernas discussões e ações na linha de frente da política de extensão universitária brasileira.

Na prática, o que mudou? De acordo com o pró-reitor adjunto de extensão da UERN, prof. Fabiano Mendes, "antes existiam pessoas na instituição que desenvolviam atividades de extensão. Hoje, a universidade como um todo desperta para essa cultura". Ainda segundo Fabiano Mendes, este processo não vem acontecendo de forma mecânica, com base na norma federal que determina a curricularização da extensão, mas é um processo que vem ocorrendo de forma natural na UERN.

"A curricularização, uma vez sendo implantada, trará uma formação diferenciada para os nossos estudantes"

Esta mudança é fruto de uma política que vem sendo desenvolvida através de uma série de elementos, como a aprovação do Regimento Geral da Extensão da UERN e a aprovação do Plano de Desenvolvimento Institucional já contemplando todas as discussões sobre o assunto. Também estão inseridos outros aspectos, como a qualificação dos projetos, a avaliação, a busca por uma universidade socialmente referenciada, as publicações, ações de cultura e a inserção nacional do diálogo com outras Instituições de Ensino Superior.

Esse contato com as IES é feito através da pró-reitoria de Extensão (PROEX), que busca apresentar as discussões e experiências da UERN. O pró-reitor Etevaldo Almeida destaca a importância da consolidação da legislação. "Nós temos dado uma ênfase na qualidade das nossas ações de extensão e estamos criando um comitê de avaliação. É importante estarmos in loco presenciando a contribuição da extensão para o desenvolvimento das comunidades que são contempladas com as ações de extensão. A curricularização, uma vez sendo implantada, trará uma formação diferenciada para os nossos estudantes. Avançamos também em toda a legislação que norteia a extensão universitária com base em um plano de ação que consolida a extensão universitária para os próximos anos. Estamos deixando o alicerce pronto", finaliza.

Atividades físicas são ofertadas pela UERN
Foto: Fernando Nícolas

UERN

Edilson Júnior, formado em Economia. Fotos: Rodrigo Oliveira

A UNIVERSIDADE QUE **TRANSFORMA REALIDADES** NO INTERIOR DO RN

São muitos os relatos de filhos de agricultores que se tornaram "doutores" e servem de exemplo para que cada vez mais jovens persigam o sonho de um futuro melhor

Em uma terra muito longe, havia um menino chamado Edilson Júnior. Ele morava com seu pai, um tratorista dos melhores, e sua mãe, uma dedicada dona de casa. Eles levavam uma vida simples, em uma pequena comunidade rural distante 10 quilômetros do centro de Governador Dix-sept Rosado, no interior do Rio Grande do Norte.

Como toda criança da região, Edilson gostava de brincar, principalmente de jogar bola na rua com os amigos, mas sem esquecer dos livros. Ele sonhava em ser professor, e seus pais sempre diziam que era preciso estudar muito para conseguir alcançar seu objetivo. Sua mãe, dona Antônia, nunca precisou chamar Edilson para ir à escola. "Dá gosto de ver esse menino estudando", dizia ela. Seu pai, todo orgulhoso, não escondia a felicidade de ver o filho sempre dedicado aos estudos. E em meio aos livros e à vida na roça, Edilson cresceu, conseguiu terminar os estudos e entrar na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) aos 18 anos, no curso de Economia.

Não foi fácil. Ele acordava às 5h da manhã, percorria 3 quilômetros de bicicleta, até chegar ao ponto do ônibus que levava os estudantes para Mossoró. Na volta, eram mais 3 quilômetros de bicicleta até chegar em casa. Na universidade, Edilson conheceu um mundo novo e viu que tudo valeria a pena. Na metade do curso já sabia onde desejava chegar. Queria fazer mestrado e doutorado para que pudesse ser professor da UERN. Foi com muita dedicação e com o apoio de seus professores que ele conseguiu antecipar a conclusão do curso, um feito para poucos.

Edilson Júnior antecipou a colação de grau para cursar mestrado

Em março de 2017, Edilson Júnior recebeu o diploma de bacharel em Economia, em uma cerimônia que comoveu todos os presentes. "Onde se imaginou, que um filho de um agricultor, tratorista, pudesse estar aqui neste momento? E a estrada de sucesso dele só está começando", afirmou Edilson, o pai, com a sabedoria do homem do campo.

Mas essa história não chegou ao fim! Com o diploma na mão, ingressou no curso de mestrado em Economia, também pela UERN, e vem se destacando, assim como fez em toda a sua vida. "Edilson sempre foi um aluno excepcional. Participou de forma efetiva do curso e agora está tendo sucesso também no mestrado", afirmou o professor Leovigildo Cavalcanti, da Faculdade de Economia da UERN.

Histórias como a de Edilson são contadas em todos os cursos, em todos os seis campi da UERN. São muitos os relatos de filhos de agricultores que se tornaram "doutores" e servem de exemplo para que cada vez mais jovens persigam o sonho de um futuro melhor. São histórias emocionantes, que carregam consigo muita dedicação, persistência e superação. Daí a vocação da instituição para transformar realidades.

"É missão da UERN promover a formação de profissionais competentes, críticos e criativos, para o exercício da cidadania, além de produzir e difundir conhecimentos científicos, técnicos e culturais que contribuam para o desenvolvimento sustentável da região e do país", disse Leogivildo.

Ao cumprir esta missão, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte vem transformando a realidade de indivíduos, famílias e comunidades inteiras no interior de um estado pobre, onde a maioria da população nunca ousaria sonhar com um futuro diferente para seus filhos, caso não existisse uma unidade da UERN em sua região.

MAIS DE DEZ MIL DIPLOMAS ENTREGUES DESDE 2014

Desde abril de 2014, os diplomas de graduação são entregues durante a solenidade de colação de grau e os egressos já saem da solenidade aptos para o mercado de trabalho. Antes - e em outras instituições continua dessa maneira -, durante a solenidade havia apenas a concessão do grau e, somente depois, fazia-se a solicitação do diploma, que era emitido em até 90 dias úteis após o pedido.

A primeira aluna a receber o diploma numa solenidade de colação de grau da UERN foi Ana Priscila Alves, do curso de Filosofia, do Campus de Caicó. "É muito emocionante porque a gente ficaria esperando vários meses o diploma chegar de Mossoró e agora recebemos das mãos do reitor", frisou na ocasião.

Mais de 10 mil diplomas foram entregues durante as solenidades de colação de grau da UERN após a mudança.

Uma TV
Todas possibilidades de programação

3 anos

Canal Parceiro

futura

A UERN TV é um canal local, 100% universitário, com programação desenvolvida por professores e alunos da UERN, em especial do curso de Comunicação Social. A programação é transmitida pelo canal 21 da TCM e ganha projeção nacional por meio da parceria com o Canal Futura.
A UERN TV é nosso patrimônio.

/uerntv /uerntv

TCM Canal 21

Prof. Aldo Gondim, vice-reitor da UERN
Fotos:Luciano Léllys/arquivo Agecom

ALDO GONDIM: TRÊS DÉCADAS DE AMOR À UERN

Ele encerra sua carreira no ensino superior como vice-reitor da UERN, cargo que ocupou desde 2013, ao lado do reitor Pedro Fernandes

Em 1° de março de 1987, o professor Aldo Gondim Fernandes iniciava sua trajetória como professor do curso de Educação Física da UERN, deixando para trás a carreira de fuzileiro naval na Marinha do Brasil. Essa nova missão possibilitou um universo de conhecimento, amizades e ensinamentos.

Querido entre os professores, técnicos e alunos, o professor Aldo Gondim encerra sua carreira no ensino superior como vice-reitor da UERN, cargo que ocupou desde 2013, ao lado do reitor Pedro Fernandes. Ao longo de quatro anos foram muitas viagens a trabalho e uma dedicação em tempo integral.

"Construí minha amizade com Aldo nas trincheiras em defesa da nossa Universidade. Mas ele é, além de amigo, um professor para mim. Com ele tive lições importantes que me ajudarão a seguir projetando a UERN do futuro pautada pelo diálogo e o entendimento", declarou o reitor Pedro Fernandes.

Vai ser estranho para os servidores da UERN chegarem à Reitoria a partir do dia 29 de setembro de 2017 e não encontrar mais a empolgação de Aldo Gondim. Carismático, ele sempre acompanhava o funcionamento em cada setor da Reitoria e do Edifício Epílogo de Campos, onde funcionam as pró-reitorias administrativas da Universidade - Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis (PRORHAE), Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças (PROPLAN) e Pró-reitoria de Administração (PROAD). Aldo Gondim adotou em sua rotina a visita aos vários setores, oportunidade em que ouvia as demandas com simpatia e carinho.

Antes de ser eleito vice-reitor em 2013, Aldo foi chefe do Departamento de Educação Física por duas vezes, em outras duas oportunidades esteve à frente da direção da Faculdade de Educação Física (FAEF) e ocupou a presidência do Fórum de Diretores.

“Aldo representa a figura de uma pessoa especial, extrovertida, um ser humano que sempre tentou entender o aluno, ao mesmo tempo que tentava passar o conhecimento.”

Monalisa Carini Dantas, aluna de Aldo

Na sua atuação profissional, Aldo Gondim ia além do papel de vice-reitor. Era uma espécie de síndico da UERN que acompanhava de perto cada obra, que estava em todos os recantos da universidade, sempre pronto para tentar solucionar os problemas. “Aldo é super profissional, ama o que faz. Eu pensava que isso era só pela Educação Física e me enganei totalmente por ele continuar com o mesmo entusiasmo como vice-reitor”, relata a esposa, Magnólia Pinto Gondim.

Ao longo dos últimos quatro anos, Aldo participou de decisões difíceis e momentos tensos sem demonstrar qualquer tipo de irritação. Uma das contribuições de Aldo foi a coordenação dos trabalhos para a reformulação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) - documento que aponta os caminhos e metas da universidade nos próximos dez anos. “Ele tem um pensamento tão positivo que mesmo quando algo não dá certo, ele agradece. A relação dele com os alunos é impressionante”, frisa Magnólia.

Os alunos confirmam as palavras de Magnólia. “Aldo representa a figura de uma pessoa especial, extrovertida, um ser humano que sempre tentou entender o aluno, ao mesmo tempo que tentava passar o conhecimento. Só paguei uma disciplina com ele e ficou um exemplo para mim”, Monalisa Carini Dantas. Entre os técnicos o sentimento é idêntico. “Falar sobre Aldo Gondim é elencar todos os adjetivos positivos que uma pessoa pode ter. Já conviver com Aldo é aprender com excelência, dia após dia, como atender e tratar bem as pessoas, como ser proativo no trabalho, como resolver quaisquer problemas com o mínimo de efeitos negativos possíveis, como ser uma pessoa melhor em todas as vertentes. É um grande professor de Educação Física, e maior ainda, professor da vida. Meu chefe por quase sete anos, e um amigo para sempre. Em qualquer lugar, a qualquer hora, pode contar comigo, amigo. Será sempre uma honra”, ressalta Jônatas Marques.

Em casa não é diferente. Mesmo com todos os compromissos que um vice-reitor tem que cumprir, Aldo não perde a atenção com a família, mantendo o mesmo estilo cativante deixado como legado na UERN. “Aldo é tão bom filho que não tinha como não ser um pai amoroso, um marido exemplar”, declarou Magnólia.

Família, essa é a palavra citada pelo professor Humberto Jefferson, diretor da Faculdade de Educação Física, ao avaliar Aldo Gondim. “Com sua aposentadoria, vamos sentir uma lacuna enorme na UERN, pois deixaremos de conviver diariamente com o conselheiro, mestre e amigo. Nas lembranças ficam marcados os ensinamentos, o amor pela Educação Física, o carinho pelos seus alunos e principalmente pela FAEF, a qual por muitos anos se confundiu com sua casa e família. O que tinha de ser feito, foi feito, meu amigo! Agora colha os bons frutos que plantaste, continue seu caminho como sempre andaste: de bem com a vida e de cabeça erguida”, declarou.

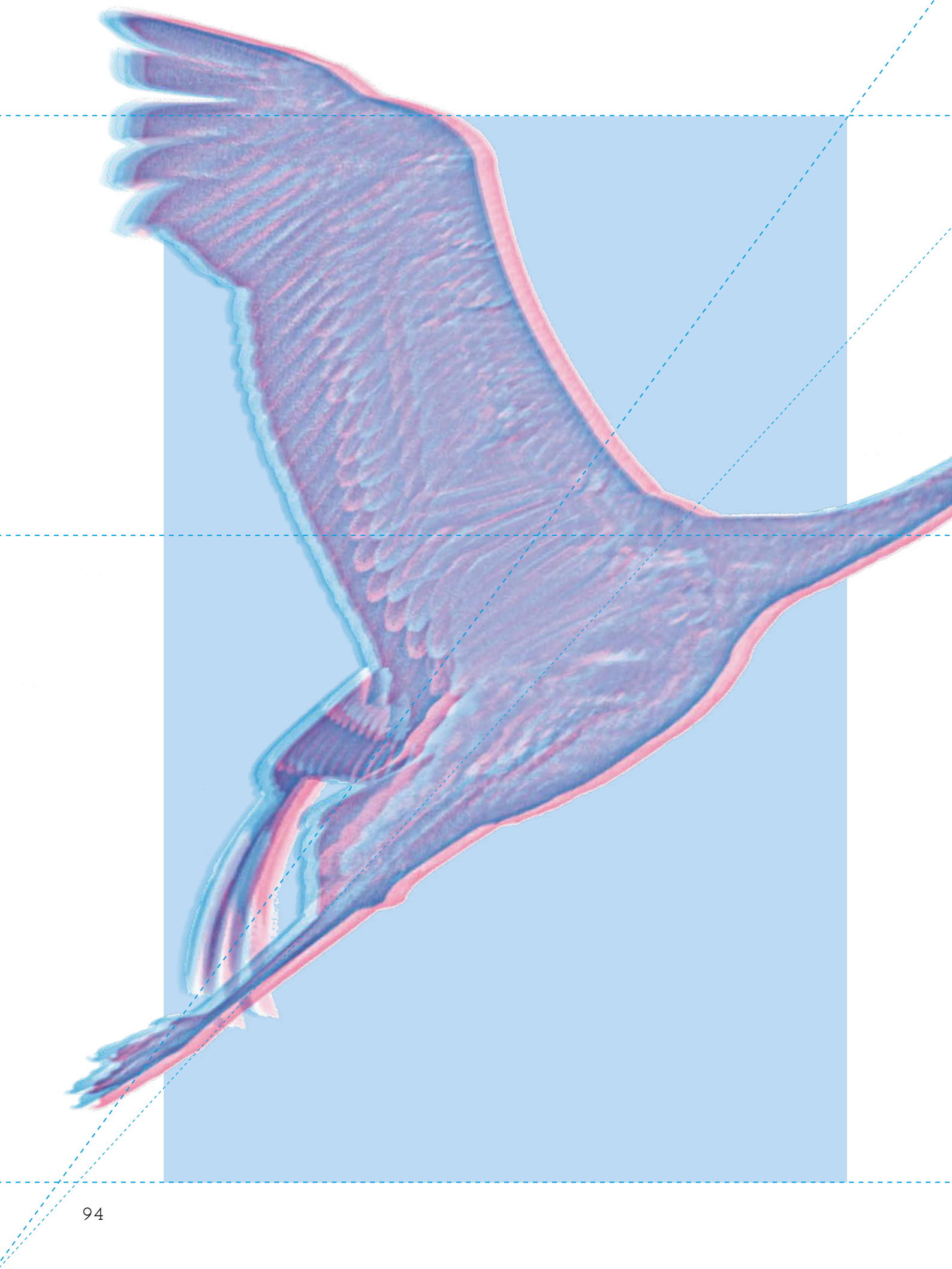
Um dos momentos marcantes,
condução da tocha olímpica

Ao lado da família, quando recebeu
homenagem da Assembleia Legislativa

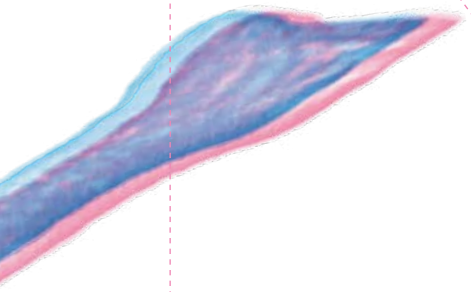
Aldo Gondim e o amigo Humberto Jefferson, diretor da FAEF

Com o reitor Pedro Fernandes, parceria, amizade e
sintonia à frente da UERN

Vice-reitor Aldo Gondim entrega diploma
para Jônatas Marques, com quem trabalhou por 7 anos



Uma pequena cerimônia de adeus



Aécio Cândido

Professor da UERN, Departamento de Ciências Sociais, aposentado

Não é alegre, jamais pode ser alegre, a contabilidade dos nossos mortos. A subtração é uma operação dolorosa.

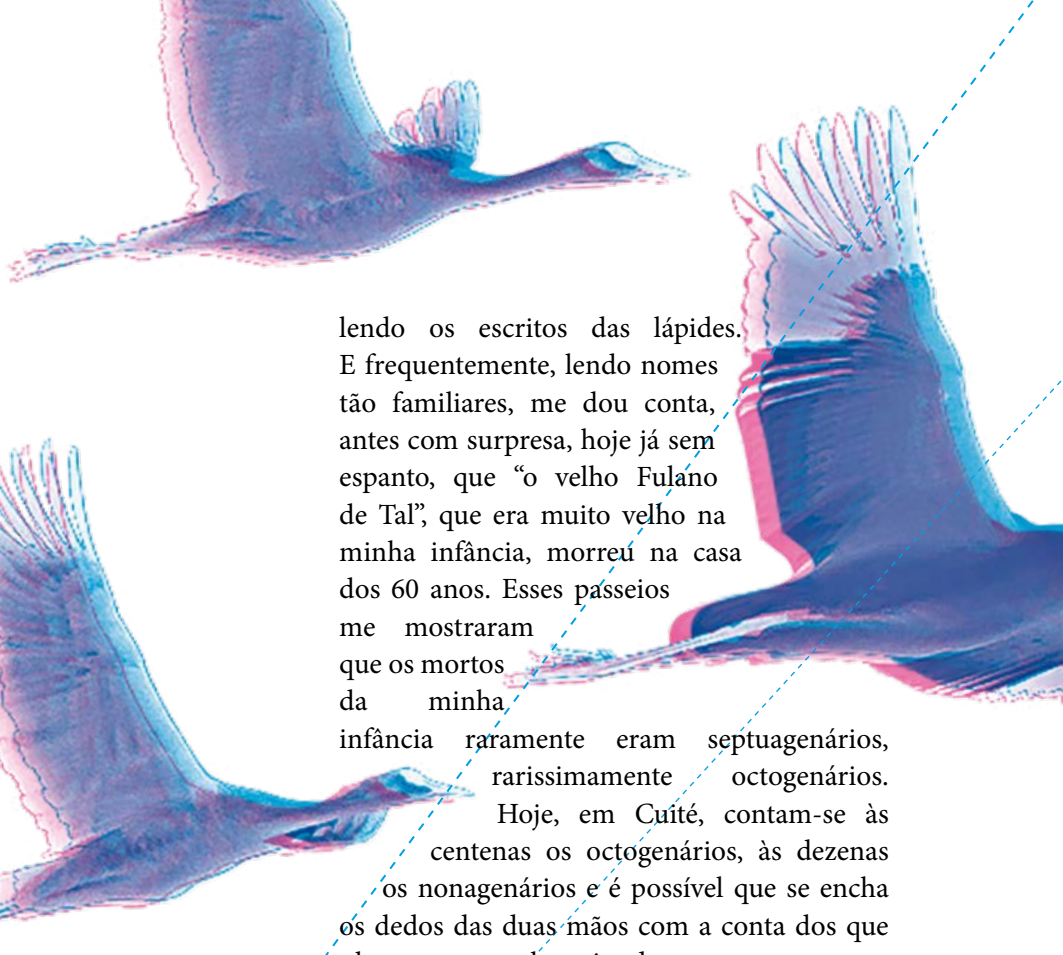
A despedida, numa rodoviária ou num aeroporto, mesmo transitória, envolvida pela perspectiva da volta e do reencontro, ainda assim é triste. A partida final, a despedida sem esperança de retorno, é opaca e grave porque é apenas isto: ruptura. Aqueles que se alimentam de fé nutrem a feliz esperança de um reencontro no futuro, coroado pela diluição do tempo, quando este deixará de existir e se fará eterno. Mesmo assim, para eles também, os dias que se seguem à despedida final são dias nublados.

Para essa ruptura final e irremediável, só um remédio parece eficaz: a resignação. A acolhida resignada do inevitável. É a atitude mais sábia. Sem ela, o desespero ganha corpo. E este não sara feridas nem ajuda a aprumar o olhar e o corpo, necessários para que a vida continue e siga seu curso. "Chega um tempo em que a vida é uma ordem", diz um verso de Drummond. Quem permanece vivo tem o compromisso – mais do que natural, moral - de continuar a vida, com a cabeça bem posta sobre os ombros, olhando para o horizonte largo e nutrindo a firme decisão de vivê-la como uma dádiva.

Claro está que a resignação é mais fácil quando a interrupção da vida dá-se num momento, digamos, razoável. Mas é difícil estabelecermos um acordo a respeito de que tempo, nesse caso, é razoável. Porque embora saibamos que ela é datada, finita, nós a queremos infinita e afastamos de nós a ideia do momento final. Ainda que vivamos o ciclo completo, do nascimento à reprodução, passando pela multiplicação dos filhos e pela dos filhos dos filhos, o encerramento do ciclo nunca é bem-vindo. É aceito, tolerado, mas não bem-vindo. Ainda mais que a ciência, com todas as conquistas acumuladas, está adiando o horizonte dessa hora razoável, já que estende a vida para além do que tínhamos como fronteiras.

É mais ou menos comum ouvirmos uma ou outra pessoa confessar saudosamente: "Antigamente as pessoas viviam mais. A geração de hoje, vivendo de enlatados e de excessos, não chega à idade que nossos avós chegaram". É mais um mito entre tantos. Hoje se vive muito mais. Ou poder-se-ia viver muito mais.

Gosto de visitar o cemitério de Cuité, minha cidade natal. Gosto de andar entre os túmulos, de desencavar lembranças ▶



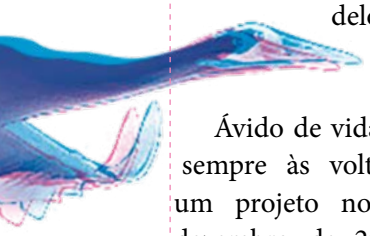
lendo os escritos das lápides. E frequentemente, lendo nomes tão familiares, me dou conta, antes com surpresa, hoje já sem espanto, que "o velho Fulano de Tal", que era muito velho na minha infância, morreu na casa dos 60 anos. Esses passeios me mostraram que os mortos da minha infância raramente eram septuagenários, rarissimamente octogenários. Hoje, em Cuité, contam-se às centenas os octogenários, às dezenas os nonagenários e é possível que se encha os dedos das duas mãos com a conta dos que ultrapassaram a barreira dos cem anos.

Os avanços da Medicina nos permitem falar, sem incorrer em exagero, de uma juventude dos 60 anos. E, se se pode afugentar as mazelas do corpo, também de uma juventude dos 70. Este novo estado de coisas nos leva a recusar como algo natural a morte na altura dos 70 anos e mesmo no limiar dos 80. Além disso, contribuindo para nossa irresignação, há o fato de que a velhice do corpo não se reflete necessariamente na da alma. A alma avança, permanentemente jovem, ainda que muitas vezes o corpo não atenda mais às suas ordens.

Ao falar da vida, servimo-nos de algumas metáforas. Dizemos que a vida é travessia, por parecer uma caminhada, com ponto de partida e de chegada. Dizemos que é uma batalha, em razão dos desafios vários que comporta. O poeta Gonçalves Dias, na sua eloquência de clássico, nos lembra que a vida "É luta renhida: / Viver é lutar. / A vida é combate, / Que os fracos abate, / Que os fortes, os bravos /Só pode exaltar".

É por fazermos juntos a travessia, por empreendermos lado a lado a batalha, que a

contabilidade indesejável se impõe. E ela nos aponta, na comunidade UERNiana, cinco sentidas baixas neste ano que ainda segue. Cinco companheiros e companheiras a quem demos a despedida final: Dr. Milton, Joseney, Hiroíto, Lindalva e Juarez Antunes.



Dr. Milton enquadrava-se naquele modelo dito de espírito permanentemente jovem.

Ávido de vida, estava sempre às voltas com um projeto novo. Em dezembro de 2016, ele publicou um conjunto de três livros - uma seleção das crônicas que escrevera para o jornal Gazeta do Oeste ao longo de 15 anos, assinando uma coluna semanal. Tive o imenso prazer de escrever o prefácio de um desses livros. Agora no mês de junho, reli os três volumes. E experimentei uma imensa saudade de dr. Milton. A reunião de suas crônicas, e o fato de poder lê-las em poucos dias, realça a frequência dos seus temas, a variedade de suas fontes e a sensibilidade de suas conclusões. A obra fragmentada, publicada esparsamente no jornal e nem sempre seguida frequentemente pelo leitor, obstrui essa visão. A obra reunida dá-nos a visão do conjunto. É quando descobrimos em dr. Milton um pensador sensível, cosmopolita e arguto. A saudade deveu-se em boa parte ao desejo de muitas conversas que poderíamos ter tido abrigadas sob o mote de suas crônicas.

A partida de Joseney teve o agravante do inesperado. Uma vida colhida cedo, um final completamente antecipado. A mulher inteligente e decidida, corajosa e clara nas opiniões, anunciou nas realizações de sua breve vida as grandes contribuições que ainda daria à UERN se o Sr. Tempo não tivesse mudado de humor. Guardo dela uma lembrança viva: um momento de alegria de uma jovem recém-graduada e imediatamente aprovada com destaque no Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Findou por adiar a entrada no mestrado em razão de outra aprovação: num concurso docente para o seu campus de formação, o de Pau dos Ferros.

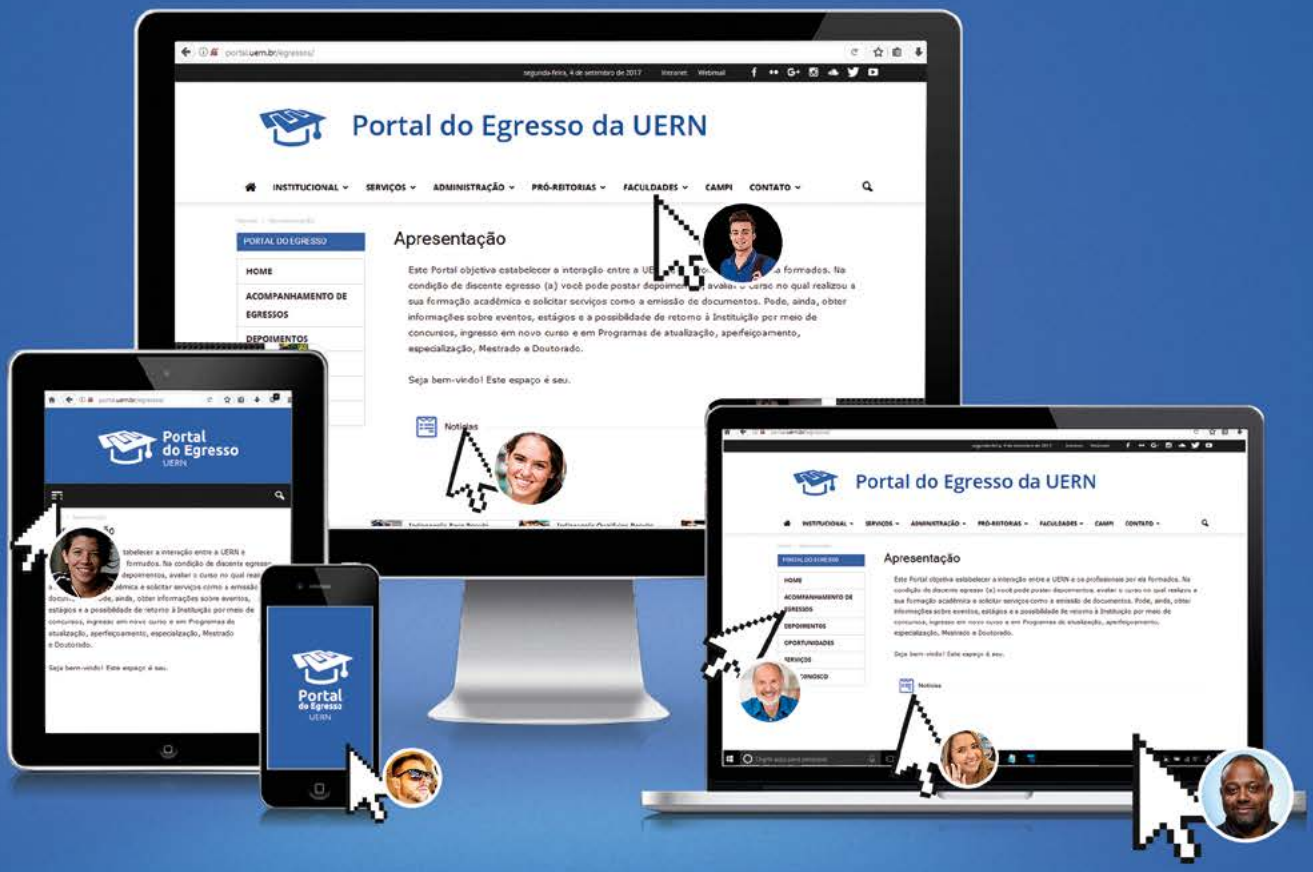
"Ao falar da vida, servimo-nos de algumas metáforas. Dizemos que a vida é travessia, por parecer uma caminhada, com ponto de partida e de chegada. Dizemos que é uma batalha, em razão dos desafios vários que comporta."

E os outros nos deixam as mesmas saudades e os mesmos lamentos por não terem cumprido por inteiro o tempo entre nós. Fica de Hiroíto a lembrança do funcionário exemplar, experiente, criativo na solução dos problemas – uma liderança querida; de Lindalva, a facilidade do relacionamento amigável, a simpatia no ambiente de trabalho, a leveza no trato e a responsabilidade profissional; de Juarez Antunes, o professor de Ciência Política bem informado, o colega de opiniões instigantes, o militante atento às razões do opositor. São essas marcas que constroem a saudade.

Se na Assembleia Universitária de Aniversário da UERN fizessem uma chamada para checar presenças, eles, que nunca faltaram a nenhuma delas, não responderiam. E é o silêncio deles o que nos dói.

Portal do Egresso UERN

Com um clique você visita a UERN,
reencontra o seu curso e a sua turma.



Seja bem-vindo!

No Portal do Egresso você pode postar depoimentos, avaliar o curso no qual realizou a sua formação acadêmica e solicitar serviços como a emissão de documentos. Ainda é possível obter informações sobre eventos, estágios e a possibilidade de retorno à Instituição por meio de concursos, ingresso em novo curso e em programas de pós-graduação como mestrado e doutorado. Seja bem-vindo! Este espaço é seu.

• *portal.uern.br/egressos*

LIBER VI SPIRITUS

UERN

UERN

Reitor
Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Vice-Reitor
Aldo Gondim Fernandes

Chefe de Gabinete
Tarcísio da Silveira Barra
Subchefe: Francisco Arnaldo Viana

Pró-Reitor de Administração
Iata Anderson Fernandes
Adjunta: Elizabeth Silva Veiga

Pró-Reitora de Planejamento, Orçamento e Finanças
Fátima Raquel Rosado Morais
Adjunto: Adonias Vidal de Medeiros Júnior

Pró-Reitora de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis
Cicília Raquel Maia Leite
Adjunto: Luís Marcos de Medeiros Guerra

Pró-Reitora de Ensino de Graduação
Inessa da Mota Linhares Vasconcelos
Adjunta: Francisca de Fátima Araújo Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
João Maria Soares
Adjunta: Maria Ivonete Soares Coelho

Pró-Reitor de Extensão
Etevaldo Almeida Silva
Adjunto: Francisco Fabiano de Freitas Mendes

ABRUEM

A UERN é membro da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM), única representante do Rio Grande do Norte, das quarenta e cinco Instituições de Ensino Superior (IES) associadas, pertencentes a vinte e dois estados da Federação, e com um papel fundamental na erradicação do analfabetismo, na superação das desigualdades educacionais, na melhoria da qualidade da educação, na promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade, entre outras diretrizes descritas no Plano Nacional de Educação (PNE), Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

49 anos

www.uern.br

/uernoficial